



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

André de Oliveira Couto

**CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADES E
FEMINILIDADES NOS CONTOS CABO-VERDIANOS
DE FERNANDO MONTEIRO E DE DINA SALÚSTIO**

Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa, orientada pela
Professora Doutora Doris Wieser, apresentada ao Departamento de Línguas,
Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NOS CONTOS CABO-VERDIANOS DE FERNANDO MONTEIRO E DE DINA SALÚSTIO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Configurações de masculinidades e feminilidades nos contos cabo-verdianos de Fernando Monteiro e de Dina Salústio
Autor/a	André de Oliveira Couto
Orientador/a(s)	Doris Wieser
Júri	Presidente: Doutora Maria João Albuquerque Figueiredo Simões Vogais: Doutor Mário César Lugarinho Doutora Doris Wieser
Identificação do Curso	2º Ciclo em Literatura de Língua Portuguesa
Área científica	Literatura
Especialidade/Ramo	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
Ano	2022
Data da Defesa	21-10-2022
Classificação	17 valores



Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais pelo apoio e respeito incondicionais, não só durante este processo da redação da dissertação de mestrado, mas sim desde que vim ao mundo. Jamais teria sido capaz de ter feito e conquistado tanta coisa ao longo desta minha existência sem a minha mãe e pai que me amam incessantemente mesmo com todas as minhas excentricidades. Um eterno obrigado a eles os dois que nunca desistiram de mim. Amo-vos incondicionalmente.

Agradeço também à minha professora orientadora Doris Wieser por todo o auxílio e incentivo prestado, de facto que sem a sua ajuda este projeto não conseguiria ser completo. Fico-lhe muito grato por todo o carinho, paciência e amizade. Guardarei comigo todos os seus ensinamentos, assim como os bons momentos que vivenciei com a professora. Sem dúvida que foi um dos grandes contributos para esta dissertação.

Quero agradecer à minha avó Tina, por todo o amor e força que me deu desde que me lembro. Pela amabilidade e doçura, e por dispor sempre a sua casa para eu poder trabalhar sem ser incomodado nesta dissertação.

Agradeço a todos os meus amigos por estarem lá para mim sempre que precisei. Quero agradecer, especialmente, à Bianca, o meu braço direito, a pessoa que sempre esteve pronta a ajudar-me seja no que for, agradeço-te, dos confins do meu peito, por todos estes anos de amizade e cumplicidade.

Em último lugar, e não menos importante, agradeço a mim próprio pela superação de mais um obstáculo, pela forma como sorri inúmeras vezes na cara da adversidade. Pela forma como não tive medo de me apoiar nos meus pais e amigos. Pela forma como consegui sempre cumprir com os meus objetivos mesmo quando me sentia derrotado.

*Vou tentar ser bom marido cumpridor.
Mas quero que saibas, enquanto é tempo, que
em todas as circunstâncias te troco por um verso.*
– Miguel Torga

RESUMO

Configurações de masculinidades e feminilidades nos contos cabo-verdianos de Fernando Monteiro e de Dina Salústio

Com esta dissertação pretende-se, na sua generalidade, realizar um estudo sobre os problemas que ocorrem dentro da sociedade cabo-verdiana. Aqui, o foco direciona-se para a forma como diferentes configurações de masculinidades e feminilidades se relacionam e operam entre si, uma vez que se encontram inseridas num sistema social patriarcal machista hegemónico. Para a concretização de tal objetivo, serão aqui submetidos como objetos de estudo contos que constam nas obras literárias *A roda do sexo* (2009) e *Mornas eram as noites* (1994) de Fernando Monteiro e de Dina Salústio, respetivamente, que retratam a trágica e dura realidade da vida social cabo-verdiana através de relatos imagéticos sob a forma de um discurso munido de simbolismos e de revolta camuflada. De forma a contruir uma análise mais completa e diversificada, fez-se aqui uso de estudos provenientes das áreas da Sociologia e da Antropologia que, como será posteriormente evidenciado, intercalar-se-á de uma forma natural com as interpretações e leituras simbólicas que constam neste projeto. Não obstante, e antes de dar início ao processo analítico, reservou-se uma secção inicial voltada para contextualização histórica e literária de Cabo Verde, bem como uma outra cujo foco centraliza-se na abordagem de questões de género presentes na sociedade cabo-verdiana. Neste capítulo dedicado às configurações de género cabo-verdianas funcionará como uma introdução ao que será retratado nos contos de Fernando Monteiro, como a hierarquização estruturada pelas ideologias da masculinidade hegemónica, assim como nos contos de Dina Salústio, através da forma como o universo feminino cabo-verdiano é afetado e menosprezado por esse sistema de hegemonia masculina.

Palavras-chave: Fernando Monteiro; Dina Salústio; Conto; Configurações de género; Cabo Verde

ABSTRACT

Configurations of masculinity and femininity in the Cape Verdean short stories by Fernando Monteiro and Dina Salústio

The aim of this dissertation is, in general, to conduct a study on the problems that occur in the Cape Verdean society. Here, the focus is directed to how different configurations of masculinities and femininities interact and operate with each other, since they are inserted in a hegemonic patriarchal masculine social system. In order to achieve this goal, we will submit as objects of study the stories contained in the literary works *A roda do sexo* (2009) and *Mornas eram as noites* (1994) by Fernando Monteiro and Dina Salústio, respectively, which portray the tragic and harsh reality of Cape Verdean social life through imagetic accounts in the form of a discourse full of symbolism and camouflaged rebellion. In order to build a more complete and diversified analysis, studies from the areas of Sociology and Anthropology were used here, which, as will be shown later, will intermingle in a natural way with the interpretations and symbolic readings contained in this project. Nevertheless, and before starting the analytical process, an initial section was set aside for the historical and literary contextualisation of Cape Verde, as well as another focused on the approach to gender issues present in Cape Verdean society. This chapter dedicated to Cape Verdean gender configurations will work as an introduction to what will be portrayed in Fernando Monteiro's short stories, as the hierarchization structured by the ideologies of hegemonic masculinity, as well as in Dina Salústio's short stories, through the way in which the Cape Verdean female universe is affected and belittled by this system of male hegemony.

Keywords: Fernando Monteiro; Dina Salústio; Short Story; Gender Configurations; Cape Verde

Índice

Introdução	1
A literatura cabo-verdiana	3
Colonialismo português em Cabo Verde.....	3
Construção de uma identidade nacional crioula.....	4
Configurações de género na sociedade cabo-verdiana	9
O sistema hegemónico masculino patriarcal	11
O quotidiano dos grupos dominados	14
Confrontos entre masculinidades nos contos de Fernando Monteiro	17
“A liberdade de escolha”	18
“Na roda do sexo”	27
“O café das cinco”	30
A experiência social das mulheres cabo-verdianas nos contos de Dina Salústio	40
“A oportunidade do grito”	41
“Forçadamente mulher, forçosamente mãe”	45
“Tabus em saldo”	49
Considerações finais	52
BIBLIOGRAFIA	55

Introdução

No campo das literaturas africanas de língua portuguesa, torna-se evidente a preferência e centralidade de investigações e de trabalhos analíticos e comparativos voltados para questões étnico-raciais presentes no paradigma social africano, tanto referentes ao período colonial como pós-colonial, onde temas como a construção da nação e a identidade nacional surgem com uma maior frequência e predominância.

Ainda que estas literaturas tenham surgido em tempos mais recentes quando comparadas com a literatura portuguesa, urge a necessidade de aprofundar outros aspetos mais sensíveis e, por vezes, considerados como tabu que, apesar de poderem ter sido, outrora, mencionados de forma leviana, vão muito mais além das questões étnico-raciais. Torna-se, então, necessário realizar mais projetos que ousem explorar temáticas que evoquem controvérsias, que reúnam em si potencialidades capazes de quebrar padrões sociais impostos pela cultura ocidental.

Conveniente será desde já mencionar que, mesmo que aqui seja enfatizado grande atenção para temas relacionados com questões de género, as influências provenientes do período colonial serão postas em consideração, uma vez que, como Eurídice Monteiro (2016) afirma, a intervenção colonial portuguesa deixou marcas significativas cujas consequências são ainda visíveis nos tempos atuais. A exemplo disto, Monteiro (2016) expõe que esta intervenção colonial foi a responsável pela destabilização das relações de poder, género, “raça” e classe social em Cabo Verde.

Deste modo, a presente dissertação tem como principal objetivo analisar as configurações de masculinidades e feminilidades na literatura cabo-verdiana, usando como objeto de estudo as obras de Fernando Monteiro, *Na roda do sexo* (2009) e de Dina Salústio, *Mornas eram as noites* (1994). Atualmente, o tema da configuração de género tem sido alvo de grandes debates, tanto pela forma como as relações entre os géneros se articulam entre si, como pelos estereótipos que lhes são associados. No caso de Cabo Verde, temas relacionadas com género abrem caminho para a literatura servir como meio interveniente no desvendamento de novas configurações de masculino e feminino, mas também como instrumento de representação da realidade que os grupos sociais marginalizados enfrentam. Em seguimento da explanação das mazelas que a colonização venceu no arquipélago, segue-se um outro ponto de grande importância, o conceito de género. É imperativo clarificar que tal conceito nada tem a ver com

o sexo que foi biologicamente atribuído a um indivíduo, contrariamente ao que era, em tempos passados, erroneamente associado, mas sim entendido como fruto de construções sociais.

Posto isto, proceder-se-á à análise e exposição dos contos “A liberdade de escolha”, “Na roda do sexo” e “O café das cinco” de Fernando Monteiro, bem como dos contos “A oportunidade do grito”, “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” e “Tabus em saldo” de Dina Salústio. O que motivou a escolha de tais autores deveu-se à forma como, tanto um como outro, abordam a questão das configurações de género, assim como usam a literatura como arma de combate na denúncia das injustiças, opressões e problemas que ocorrem dentro da sociedade cabo-verdiana. O enfoque analítico será concentrado, no caso dos contos de Fernando Monteiro, no universo masculino, visando expor a forma como as imagens do masculino são construídas e consumidas pela sociedade, assim como analisar como são estruturadas as relações entre as diferentes configurações de masculinidades. Já nos contos de Dina Salústio é proposto uma análise sobre o universo feminino, através de uma perspectiva e autoria femininas, sobre a forma como a mulher é idealizada pela sociedade e qual o seu papel e contributo para a sociedade de Cabo Verde.

A literatura cabo-verdiana

Uma vez que a presente dissertação de mestrado pretende fazer uma análise de obras literárias de autores cabo-verdianos, mostra-se indispensável, num primeiro momento, proceder-se à exposição de um resumo da história da literatura cabo-verdiana. Deste modo, não só será possível localizar as obras de Fernando Monteiro e de Dina Salústio no panorama literário cabo-verdiano, mas também permitirá compreender quais foram os temas e preocupações dominantes das gerações literárias anteriores, como por exemplo a insularidade, as secas, a pobreza e a emigração. Só com esta contextualização é que será possível reconhecer, na sua totalidade, a novidade dos temas propostos por Monteiro e Salústio.

Colonialismo português em Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde foi descoberto, em 1460, por Diogo Gomes e António de Nola, sendo as ilhas de Santiago, Fogo e Maio as primeiras a serem descobertas. Uma vez que as ilhas se encontravam desabitadas, o processo colonial teve o seu começo em 1461, com a chegada à ilha de Santiago e, por sua vez, a povoação desta. No entanto, o desenvolvimento do processo do povoamento da ilha não se mostrou linear podendo, segundo Simão Barros em *Origens da Colónia de Cabo Verde* (1939), ser dividido em cinco períodos. O primeiro iniciando-se com a chegada à ilha de Santiago em 1461, terminando em 1495, ano em que as ilhas reverteram para a corte portuguesa. O segundo desde este último referido até 1580, início do domínio filipino. O terceiro desde 1580 até à Restauração. O quarto de 1640 a 1769, ano em que a cidade da Praia é considerada como capital do arquipélago. E finalmente o quinto vai desde esse mesmo ano até à atualidade.

A colonização e povoação da ilha de Santiago apresentou alguns entraves, um deles sendo a posição geográfica da ilha, que se encontrava muito distante de Portugal. Outro é o clima quente com longos e frequentes períodos de secas que não permitiam o cultivo de produtos de origem mediterrânica. Deste modo, a ilha de Santiago não se mostrava ser um destino atrativo, pois havia uma grande preferência e afluência para os arquipélagos da Madeira e dos Açores que, não só se encontravam mais perto do reino, mas também apresentavam um clima mais favorável.

A pouca ou quase inexistente aderência populacional para a ilha de Santiago fez com que, em 1466, D. Afonso V redigisse uma carta régia onde concedia aos residentes da ilha o privilégio de estabelecerem práticas comerciais não só com a Europa, mas também com as sociedades da costa africana vizinha.

E D. Afonso V concedeu, em 1466, a todos os que fôssem estabelecer-se nas ilhas (*moradores*) o exclusivo do comércio e resgate de escravos da Guiné, com exceção de Arguim. (BARROS, 1939, p. 11)

Após a instauração desta medida, sucedeu-se um aumento do fluxo migratório para a ilha de Santiago, dando início ao comércio marítimo entre o porto de Ribeira Grande e o continente africano, o que incentivou a colonização. Com a criação da primeira feitoria em Ribeira Grande, a localização geográfica já não era vista como um aspeto negativo, mas sim como um fator de grande privilégio, pois situava-se perto da costa africana, facilitando o comércio entre os países, mas longe o suficiente para não ser afetada pelas leis do continente africano.

Avançando, a ilha de Santiago foi, durante muito tempo, o principal e único ponto de reabastecimento de água e alimentos da costa africana, isto só sendo possível através da criação de infraestruturas. Estas últimas juntamente com a fixação dos europeus, fizeram com que Cabo Verde entrasse nas rotas do comércio mundial nos finais do século XV. Com a proibição do tráfico de escravizados em 1876, o interesse comercial que o arquipélago tinha para Portugal diminuiu consideravelmente, só voltando a ganhar importância a partir da segunda metade do século XX. Em 1956 Amílcar Cabral, Aristides Pereira e Luís Cabral fundaram o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que surgiu no contexto dos movimentos de libertação africana. O surgimento deste partido foi um grande fator para a proclamação da independência de Cabo Verde, esta só tendo lugar a 5 de julho de 1975. Será também digno de mencionar que Cabo Verde não foi palco de guerra, no entanto tirou proveito das lutas armadas em Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, onde muitos cabo-verdianos combateram como militantes do PAIGC na Guiné-Bissau.

Construção de uma identidade nacional crioula

O arquipélago de Cabo Verde, desde a sua descoberta, em 1460, até aos meados da década de 70 do século XX foi fortemente influenciado pelos ideais culturais portugueses nos campos da sua identidade nacional e cultural, sendo mais enfatizado na sua produção literária. A literatura cabo-verdiana foi a principal responsável pela afirmação da sociedade cabo-verdiana que, mesmo estando sob influência do colonialismo português, inseria na sua produção literária aspetos culturais cabo-verdianos, como por exemplo lendas e a língua crioula.

A literatura cabo-verdiana, como todas as literaturas, sofreu alterações ao longo do tempo, podendo ser dividida em vários períodos. Porém, essa divisão periodológica pode mostrar-

se problemática e alvo de debates, devido à pouca ou nenhuma informação de obras literárias dos primórdios da literatura cabo-verdiana. Deste modo, aquando da tarefa de faseamento cronológico da literatura cabo-verdiana, a exposição e caracterização dos vários períodos terão como fontes as investigações de Hamilton (1984), Romano (1984) e de Laranjeira (1995). Segue-se de imediato a exposição dos vários períodos temporais que formaram a literatura cabo-verdiana.

No primeiro período, que vai desde as origens da produção literária cabo-verdiana até 1925, as obras aqui produzidas eram fortemente influenciadas pelo Romantismo que vigorava tanto em Portugal como na França. As obras literárias produzidas nesses dois países europeus eram traduzidas e depois exportadas para Cabo Verde, no qual só eram acedidas pelas famílias mais privilegiadas. No entanto, mesmo com influências românticas e parnasianas, era já possível encontrar, mesmo que sejam escassas, algumas preocupações relacionadas com a nação de Cabo Verde. Segundo Romano (1984), as produções literárias neste período expressam a “vocação patriótica” do povo cabo-verdiano, representada através do uso da língua cabo-verdiana, que consistia em apresentar o sofrimento e as dificuldades que a sociedade cabo-verdiana enfrentou em consequência do abandono dos arquipélago pelos colonos. Nesta fase destacam-se o poema “Ode a África” (1921) de Pedro Cardoso, bem como a publicação do jornal *Manduco* (1923/24) também criado por Pedro Cardoso. Não obstante, ainda nesta fase, Eugénio Tavares, António Januário Leite e José Lopes foram outros autores relevantes.

O segundo período, compreendido entre 1926 e 1935, é o antecedente ao período da modernidade, que originou o movimento dos Claridosos, nome este resultante da revista *Claridade*. Este período denominado como Pré-Claridosos (Romano, 1984), é fruto das preocupações que começaram a emergir no primeiro período, que eram encontradas nas publicações do jornal *Manduco*. Contudo, Laranjeira (1995) afirma que:

Desde os primeiros tempos, até ao final deste 2º Período, entendemos, com Manuel Ferreira, que vigorou o Cabo-verdianismo, caracterizado como de «regionalismo telúrico», mas que, nalguns textos, se expande para temas e elementos recorrentes da literatura cabo-verdiana, como os da fome, do vento e da terra seca, ou de certa insatisfação e incomodidade [...] (LARANJEIRA, 1995, p. 181).

O terceiro período inicia-se em 1936, com a publicação da revista *Claridade*, e termina, segundo Laranjeira (1995, p. 181) em 1957. A publicação desta revista originou o surgimento de uma nova geração de intelectuais, conhecidos como os Claridosos. Estes intelectuais pretendiam criar uma literatura que buscasse a identidade nacional por meio da valorização do

folclore, das lendas provenientes da cultura popular e dos estudos etnográficos. Posto isto, a revista *Claridade* tinha como principais objetivos interpretar a realidade da sociedade de Cabo Verde, de ser uma força de oposição à cultura dominante, ou seja, a europeia/portuguesa e também objetivava a recuperação das raízes culturais, que não tenham sido impostas pelo processo colonial.

Do ponto de vista literário, a Revista *Claridade* revolucionou ao trazer contemporaneidade estética e linguística, superando o conflito entre o Romantismo oriundo de Portugal e o novo Realismo. No âmbito político, a revista também foi importante para que os escritores caboverdianos pudessem se afastar do cânone português para refletir sobre a consciência coletiva caboverdiana. (SOUZA & PARADISO, 2020, p. 71).

Deste modo, o grupo dos Claridosos deixam o seu legado ao exporem o estado no qual o país se encontrava após o abandono do povo colonizador, cujas obras relacionadas com este assunto incluíam temas como o sofrimento e tristeza dos cabo-verdianos. Os Claridosos ao defenderem a nação cabo-verdiana, originaram o surgimento de independência literária em relação a Portugal, mas em contrapartida, defendiam a adoção de um comportamento e conduta social de cariz português, uma vez que a cultura portuguesa era a dominante no arquipélago. Em seguimento deste último ponto, este grupo de intelectuais classificava a sociedade de Cabo Verde como mestiça, porém consideravam o arquipélago como um espaço europeu devido à grande e forte presença de aspetos culturais portugueses.

Romano (1984) discute que o período temporal desde 1944 até 1960, foi momento transitório do regionalismo dos Claridosos para a fase do nacionalismo cabo-verdiano.

Para Romano (1984), os integrantes dessa fase nacionalista refutavam as ideias dos claridosos, pois sustentavam a luta pela independência e afirmação de uma identidade africana, do arquipélago de Cabo Verde, ou seja, a defesa da raiz de África e a forte ligação do arquipélago com o continente negro. (SOUZA & PARADISO, 2020, p. 72).

Esta defesa das suas origens africanas foi um apelo para que a sociedade de Cabo Verde prestasse atenção para a sua condição desvalorizada, com o intuito de a desprender das influências da colonização. Assim, para ser possível a estruturação e edificação de uma identidade nacional cabo-verdiana, era fulcral que houvesse uma valorização das suas origens africanas, bem como das suas manifestações culturais, fazendo emergir na literatura dos nacionalistas um espírito de luta contra a assimilação dos cabo-verdianos.

O quarto período, desde 1958 até 1965, apresenta uma nova cabo-verdianidade proposta no *Suplemento Cultural* do qual fizeram parte Gabriel Mariano, Ovídio Marins, Agualdo Fonseca, Terêncio Anahory e Yolanda Morazzo, que se revelou problemática para a geração da *Clareza*. Laranjeira (1995) a este respeito afirma que:

[...] o posicionamento desses jovens ... em prol do reforço da consciência da componente africana da cultura insular, associado ao reforço do compromisso político anti-colonial, não deixou de constituir uma ponte-pênsil entre os neo-realistas e o engajamento em formas frontais de um discurso independentista. (LARANJEIRA, 1995, p. 183).

Avançando, Arménio Vieira, Osvaldo Osório, Mário Fonseca e Jorge Alfama publicam, em 1962, *Sêló* cuja produção literária era:

[...] expressão da ansiedade de revalorização cultural, nacionalismo e liberdade... o grupo reforça o discurso crítico da cabo-verdianidade, da cabo-verdianidade e da Crioulidade [...] (LARANJEIRA, 1995, p. 183).

Perante o exposto, convém salvaguardar que as fontes aqui utilizadas são antigas e, portanto, não contêm informações sobre o desenvolvimento da literatura cabo-verdiana nos últimos trinta anos. A título de exemplo, o questionamento dos papéis de género na literatura cabo-verdiana é um fenómeno relativamente recente, mostrando que a literatura cabo-verdiana se encontra, atualmente, numa fase de diversificação, à qual Monteiro e Salústio assumem grande importância nesse sentido.

Estas divisões periodológicas mostram a urgência em ser estruturada uma identidade nacional da sociedade cabo-verdiana que, com base no que foi até aqui mencionado, afirmou-se como uma sociedade mestiça, sendo tal afirmação problemática. A problemática da mestiçagem advém do impacto que o povo português teve em Cabo Verde, pois a sociedade do arquipélago viu-se forçada a assimilar a cultura europeia ocidental.

Essa abertura ao estrangeiro possibilitou à configuração cultural uma mescla entre as duas culturas em questão, a europeia e a africana. No entanto, segundo Anjos (2003), estruturou-se com base nas distinções raciais [...] a partir de uma distinção hierárquica entre os dois polos. Desse modo, a cultura africana do arquipélago se manteve distanciada do continente africano de maneira a estruturar-se com base nos preceitos eurocêntricos. (SOUZA & PARADISO, 2020, p. 75).

A construção da identidade cabo-verdiana desenvolveu-se com a sua literatura. Inicialmente, a produção literária da elite cabo-verdiana baseava-se na assimilação de características linguísticas e textuais provenientes do continente europeu, pois defendia que era imperativo a presença de tais características europeias para dar mais consistência aos cabo-verdianos. No entanto, a sua cultura cabo-verdiana era adicionada nas obras literárias como forma de exibir o regionalismo do arquipélago.

[...] os movimentos realizados pela elite de Cabo Verde dentro da produção literária consistiam em absorver os traços europeus na formação linguística e textual, entretanto, a cultura materna do povo cabo-verdiano era introduzida para demonstrar as características regionais da colônia portuguesa. (SOUZA & PARADISO, 2020, p. 75).

Desde a segunda metade do século XX, verificou-se um crescimento do desejo de independência por parte dos países colonizados, levando-os a cortarem os laços com Portugal para que pudessem afirmar a sua própria identidade nacional africana, assim como todas as suas manifestações culturais. Nomes como Eugénio Tavares e Dina Salústio recebem destaque por trabalharem nas suas obras com os temas da identidade nacional e da mestiçagem.

Configurações de género na sociedade cabo-verdiana

Uma das áreas das ciências sociais que, atualmente, são alvo de grandes debates quanto à sua importância e contributo para o prisma social é o campo dos estudos de género. Deste modo, o presente capítulo destina-se, num primeiro momento, à exposição do conceito de género, tendo em consideração o seu surgimento e a forma como é utilizado para o entendimento das relações sociais. Posteriormente, o enfoque recairá sobre a hegemonia masculina e, num último momento, sobre a questão social dos grupos que foram forçados a subordinarem-se perante uma sociedade machista e patriarcal, mais concretamente a situação de Cabo Verde. Uma vez que a abordagem deste campo de estudos acarreta consigo um nível exacerbado de sensibilidade, esta reflexão expositiva introdutória apoiar-se-á nos estudos e obras de Margaret Mead, Judith Butler, Joan Scott e de Raewyn Connell, de forma a clarificar que género e sexo não são co dependentes um do outro.

Os estudos de género são um campo de pesquisa multidisciplinar cujo objetivo se resume em estudar a formação social de identidades e papéis de género, as representações que foram associadas ao feminino e ao masculino e a forma como as relações sociais entre os géneros são estruturadas e organizadas, uma vez que os estudos de género se dedicam a analisar as relações de poder entre os sexos/géneros. O surgimento do conceito de género deu-se na década de 70 do século XX por parte dos movimentos feministas americanos. Segundo Joan Scott (1995, p. 72), o conceito de género “indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como *sexo* ou *diferença sexual*”, passando também a ser percecionado como um elo de ligação entre os dois sexos, feminino e masculino, pois estes “eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p. 72).

O uso do termo género tornou-se, recentemente, numa espécie de sinónimo de mulheres, como é referido por Scott, que aponta para a alteração de todos os documentos que tinham como tema a história das mulheres para género. A razão por detrás desta alteração deveu-se à neutralidade e objetividade que o conceito de género possui, uma vez que:

Enquanto o termo “história das mulheres” proclama a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo “género” inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. (SCOTT, 1995, p. 75)

Neste seguimento de ideias, Judith Butler, filósofa norte americana, em *Problemas de género* (2017, publicado originalmente em 1990), argumenta que “o género constrói-se culturalmente” (BUTLER, 2017, p. 62), não podendo ser considerado como algo preciso como é o caso do sexo ou até mesmo regulado por esse. Ao ser definido o conceito de género como um processo que é edificado através de elementos culturais, a associação de que um sexo corresponde a um só género se revela totalmente inválida pois:

Se assumirmos por ora a estabilidade do sexo binário, daí não decorre que a construção dos «homens» resulte unicamente em corpos de homens ou que «mulheres» interprete apenas corpos femininos [...] Assumir um sistema binário de géneros preserva implicitamente a crença numa relação mimética entre género e sexo, em que o género espelha o sexo ou é por ele restringido. Quando o estatuto construído do género é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio género torna-se um artifício oscilante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem significar um corpo feminino com a mesma facilidade que podem significar um corpo masculino, e *mulher* e *feminino* um corpo masculino com a mesma facilidade que um corpo feminino. (BUTLER, 2017, p. 62)

Deste modo, Butler apresenta o seu célebre conceito de performatividade de género, ou seja, o conceito de género é uma forma de ação “...simultaneamente intencional e performativo, onde o «performativo» indicia uma construção dramática e contingente do significado.” (BUTLER, 2017, p. 276). Esta teoria do género como performance, para além de ser estruturada pela repetição de comportamentos sociais ou, como é referido pela filósofa, pela repetição de “dramas sociais rituais” (BUTLER, 2017, p. 277), não é construída e fixada de forma imediata, pois para Butler, o género:

[...] é uma identidade constituída de forma ténue no tempo, instituída num espaço exterior mediante uma *reiteração estilizada de atos* [...] O género é também uma norma que não pode ser nunca inteiramente internalizada; «o interno» é uma significação de superfície, e as normas de género são enfim fantasmáticas, impossíveis de corporizar. (BUTLER, 2017, p. 278)

Simplificando, o conceito de género, para além de não determinar obrigatoriamente o sexo ou a sexualidade do indivíduo, expressa um campo de debates tanto teóricos como políticos e que não pode ser unicamente concebido na esfera privada das relações familiares, mas sim entendido e inserido num sistema político, económico e das estruturas de poder da sociedade. Uma vez que os estudos de género ao investigarem determinado aspeto sobre as mulheres estão, direta ou indiretamente, a estudar também o sexo masculino, pois o conceito

de género é entendido como um fator determinante das relações sociais compreendidas entre os dois sexos que rejeita, como foi anteriormente referido, a determinação biológica do indivíduo, passando a ser uma maneira de expor as construções socioculturais. Em última instância, o conceito de género é algo que se encontra em constante mudança, nunca podendo ser estabilizado na sua totalidade. Uma vez que género é, de facto, um conceito construído culturalmente e expresso de forma performática, cujas ações assumem uma configuração que, por mais que se encaixe em determinados grupos e/ou rótulos, assume uma dimensão individual com base nas experiências sociais e culturais de cada indivíduo.

O sistema hegemónico masculino patriarcal

Tendo em consideração as reflexões feitas na introdução do capítulo, agora voltar-se-á a atenção para o prisma masculino. Neste primeiro tópico pretende-se analisar e expor em que consistem os estudos sobre masculinidades e, num segundo ponto, a estruturação de uma hegemonia masculina tóxica e contraditória, cujas repercussões não só se evidenciam no contexto social por meio das diferenças de poder e de desigualdades, mas também se manifestam a nível individual, como será ilustrado aquando da análise dos contos de Fernando Monteiro presentes em *Na roda do sexo* (2009), ilustradas pelas constantes pressões que forçam um indivíduo do sexo masculino a adotar comportamentos tipicamente caracterizados como “masculinos”.

Já nas narrativas compiladas em *Mornas eram as noites* (1994), de Dina Salústio, a presença deste sistema hegemónico masculino patriarcal é evidenciada através da tradicional subjugação das mulheres que, por sua vez, corresponde ao tema central da coletânea salustiana. Como será, posteriormente, exposto, Salústio em *Mornas eram as noites* (1994), faz uma abordagem às várias formas de como a condição feminina cabo-verdiana foi degradada e oprimida pelo sistema machista cabo-verdiano. Ao longo das trinta e cinco narrativas, Dina faz questão de deixar bem evidente que, independentemente da classe social e da faixa etária, as mulheres cabo-verdianas são todas submetidas a opressões, violências e violações que fazem parte do quotidiano do universo feminino de Cabo Verde.

Os primeiros grupos voltados para os estudos das masculinidades emergem em meados da década de 70 do século XX e “...desenvolveram-se sob a dependência algo conflitual das teorias feministas...” (MARQUES, 2017, p. 42), que já apresentavam avanços significativos. Tópicos como a identificação de características masculinas como características universais do ser humano ou a própria definição de “homem” tornam-se o centro dos debates, chegando a ser

concluído que se iniciava uma “crise da masculinidade” que, logo em seguida, será comprovado que tal afirmação se revelará totalmente inválida.

O termo “crise da masculinidade” pode ser interpretado como problemático, uma vez que sugere que, por um lado, as masculinidades estarão em vias de serem extintas e, por outro lado, ao se referir às masculinidades no singular, “masculinidade”, subentende que o conceito é algo exato e único, o que por si só já é um grande motivo para a incongruência do termo, pois existem várias representações de masculinidades. Porém, este termo poderá ser válido caso seja direcionado para a masculinidade, que atualmente designamos, hegemónica que poderá de facto entrar num estado de “crise” com o surgimento de outras masculinidades. No entanto, é importante mencionar que a masculinidade hegemónica pode também sujeitar-se a transformações de modo a reinventar-se para continuar a manter a sua posição de hegemonia, uma vez que “na década de 1990, enquanto os movimentos masculinistas procuravam restaurar os tempos de dominação absoluta masculina sobre as mulheres” (MARQUES, 2017, p. 42).

Deste modo, para evitar problemáticas terminológicas, será mais apropriado afirmar que as masculinidades começaram a ser alvo de transformações, sendo que existem várias identidades de género portanto não é, de todo, racional considerar esta teoria de uma crise da masculinidade como verdadeira.

A título de exemplo, Connell em *Masculinities* (2005), distingue quatro tipos de masculinidades, hegemónica, subordinada, cúmplice e marginalizada. No entanto, afirma que:

To recognize more than one kind of masculinity is only a first step. We have to examine the relations between them. Further, we have to unpack the milieux of class and race and scrutinize the gender relations operating within them. (CONNELL, 2005, p. 76)

A masculinidade hegemónica não deve ser entendida como um conceito fixo, mas sim variável. Este termo de uma masculinidade hegemónica é utilizado para descrever um determinado tipo de masculinidade que corresponda com os ideais do patriarcado que estejam em voga e que se encontre numa posição social dominante. Daí ser constatado a variabilidade do termo uma vez que:

[...] hegemonic masculinity embodies a ‘currently accepted’ strategy. When conditions for the defence of patriarchy change, the bases for the dominance of a particular masculinity are eroded. New groups may challenge old solutions and

construct a new hegemony [...] Hegemony, then, is a historically mobile relation. (CONNELL, 2005, p. 77)

Uma vez que existe uma masculinidade considerada como hegemónica, esta tem de estabelecer relações entre dominador-dominado com outros grupos de homens, isto é, uma masculinidade subordinada, ou seja, um grupo de homens que não preenchem os “requisitos” do modelo hegemónico masculino.

The most important case in contemporary European/American society is the dominance of heterosexual men and the subordination of homosexual men. This is much more than a cultural stigmatization of homosexuality or gay identity. Gay men are subordinated to straight men by an array of quite material practices. (CONNELL, 2005, p. 78)

A opressão, discriminação e os crimes de ódio e/ou violência fazem com que as masculinidades homossexuais ocupem o último lugar da hierarquia masculina Connell (2005, p. 78), sendo que a homossexualidade, segundo a ideologia da masculinidade hegemónica, era comparada e associada com a feminilidade. Porém, Connell refere que não são só os homens homossexuais que são subordinados à masculinidade hegemónica, mas também:

Some heterosexual men and boys too are expelled from the circle of legitimacy. The process is marked by a rich vocabulary of abuse: wimp, milksop, nerd, turkey, sissy [...] (CONNELL, 2005, p. 79)

A masculinidade que Connell identifica como cúmplice assume uma definição especial, devido à situação na qual este grupo de homens se encontra, pois “the number of men rigorously practising the hegemonic pattern in its entirety may be quite small” (CONNELL, 2005, p. 79). No entanto, é referido que deve ser analisado qual a posição dos homens que conseguem estabelecer algum tipo de relação com o padrão masculino hegemónico mas não o praticam. Connell sobre este grupo constata:

This can be done by recognizing another relationship among groups of men, the relationship of complicity with the hegemonic project. Masculinities constructed in ways that realize the patriarchal dividend, without the tensions or risks of being the frontline troops of patriarchy [...] (CONNELL, 2005, p. 79)

A quarta e última masculinidade apresentada por Connell denomina-se de masculinidade marginalizada que, na sua base, refere-se às relações entre masculinidades de diferentes grupos étnicos.

Race relations may become an integral part of the dynamic between masculinities. In a white-supremacist context, black masculinities play symbolic roles for white gender construction. For instance, black sporting stars become exemplars of masculinity toughness, while the fantasy figure of the black rapist plays an important role in sexual politics among whites, a role much exploited by the right-wing politics in the United States. (CONNELL, 2005, p. 80)

A idealização e conceção de uma masculinidade e feminilidade singulares e universais mostram-se, para além de falaciosas, impossíveis. Entrando esporadicamente no campo dos estudos feministas, Margaret Mead, em *Sexo e Temperamento* (1935), ao estudar os comportamentos, relações e papéis sociais entre os géneros de três sociedades de Papua Nova Guiné, *arapesh*, *mundugmor* e *tchambuli*, concluiu que tanto o masculino como o feminino não correspondiam com as ideologias ocidentais de comportamentos de género, sendo que, cada um desses povos estudados pela antropóloga apresentavam, entre si, configurações comportamentais totalmente dispares. Deste modo, comprova-se a inviabilidade e a invalidez da universalidade e da singularidade do conceito de masculinidade e feminilidade. Tanto que os feminismos negros e pós-coloniais mostraram o quanto o conceito de “mulher”, no singular, foi sempre baseado em mulheres burguesas brancas, portanto, não no tipo de mulheres que são retratadas nos contos de Dina Salústio, ou seja, mestiças ou negras, provenientes de uma classe social mais desfavorecida.

O quotidiano dos grupos dominados

Uma vez que Cabo Verde se rege por uma sociedade patriarcal machista, é evidente a desigualdade que os grupos dominados enfrentam numa sociedade de domínio masculino patriarcal. Aqui, com a expressão grupos dominados, refere-se aos homens homossexuais e às mulheres que, mesmo que existam alguns casos que afetem homens heterossexuais, são os que estão mais sujeitos a injustiças e dificuldades no decorrer do seu percurso vivencial. Por conseguinte, é sobre este aspeto que o presente tópico se irá debruçar, isto é, a exposição das condições precárias e em certos momentos desumanos que estes grupos se encontram submetidos.

O universo feminino social cabo-verdiano é acompanhado por constantes atos violentos, discriminatórios e abusivos, resultando numa experiência vivencial consumida pelo medo, tristeza e angústia. Contudo, “...a experiência social feminina está diretamente conectada ao cotidiano, pois é por meio dele que podemos observar as interações entre o espaço público e o privado.” (SOUZA, 2012, p. 415).

Aquando do momento em que o foco será direcionado para a análise dos contos selecionados de *Na roda do sexo* (2009) e de *Mornas eram as noites* (1994) de Fernando Monteiro e Dina Salústio, respetivamente, será possível encontrar, em ambas as obras, a forma abusiva e desumana como as mulheres cabo-verdianas são menosprezadas pela esfera masculina, chegando em momentos, se não constantemente, a reduzir a existência feminina cabo-verdiana à condição de objeto. De acordo com as ideologias tradicionalistas, era imposta a esfera privada à mulher, sendo-lhe encarregue os trabalhos domésticos e familiares, enquanto ao homem era lhe atribuído o ambiente público, laboral e social.

Respetivamente aos atos de violência para com as mulheres, Souza (2012) expõe quatro tipos de violência que são experienciadas pelas mulheres cabo-verdianas:

[...] a violência de género tem um carácter relacional, pois designa a produção da violência em um contexto de relações produzidas socialmente, portanto em um âmbito público; a violência doméstica e intrafamiliar têm sentidos bastante próximo, pois sua ocorrência instaura-se na esfera privada e a violência contra a mulher enfatiza não o espaço, mas a vítima contra a qual a violência é direcionada. (SOUZA, 2012, p. 417)

Finalizando este tópico e capítulo, resta abordar de forma breve, com o intuito de não condicionar os processos analíticos respetivos dos contos de Monteiro, a condição dos homens homossexuais cabo-verdianos. Como já seria de fácil previsão, a homossexualidade em Cabo Ver, contrariamente às masculinidades heterossexuais, não era de modo algum ser manifestada publicamente, uma vez que, aos olhos da masculinidade hegemónica, as masculinidades homossexuais eram associadas com as feminilidades das mulheres. Deste modo, as práticas homossexuais ocorriam em ambiente sigiloso e privado.

No entanto, não são escassos os casos entre homens heterossexuais com homens homossexuais:

Em Cabo Verde, os comportamentos sexuais de homens e gays são, ideal e respetivamente, os de “ativo” e “passivo”. Assim como ocorre na relação com as mulheres, os homens não gays também agem de forma estereotipicamente masculina, enquanto os gays e as travestis, analogamente, articulariam muitos dos signos femininos dispostos em sua cultura. (LOBO & MIGUEL, 2020, p. 201)

Como foi constatado anteriormente e será de novo exposto e analisado no capítulo precedente, isto não implica que indivíduos homossexuais não sejam alvo de discriminações e de violências, é de mencionar de que crimes de ódio e/ou homofóbicos são abertamente

abordados nos contos de Fernando Monteiro. Torna-se evidente de que, dentro do âmago patriarcal machista, as masculinidades homossexuais que, segundo o modelo hegemónico, não correspondem com o estereótipo do *macho crioulo*, serão sempre alvo de “chacota” e de violência.

Confrontos entre masculinidades nos contos de Fernando Monteiro

Dado como terminada a parte essencialmente teórica da presente dissertação, daremos início ao principal tópico que é responsável pelo título da mesma. Deste modo, no atual capítulo, tem-se como principal meta a exposição, análise e reflexão dos confrontos estabelecidos entre as masculinidades retratadas nos contos “A liberdade de escolha”, “Na roda do sexo” e “O café das cinco”, que se encontram compilados no livro de contos *Na Roda do Sexo* (2009), da autoria de Fernando Monteiro.

Para tal meta ser alcançada, mostra-se pertinente a realização de uma breve apresentação do autor e do seu estilo literário de forma a proporcionar uma melhor submersão nas narrativas que se seguirão a esta explanação introdutória. No entanto, é de alertar para a escassez e, em certos aspetos, inexistência de informações e estudos tanto sobre o autor como das suas obras literárias.

No que diz respeito à sua biografia, Fernando Jorge Almeida Monteiro nasceu a 8 de julho de 1951 na cidade da Praia, Cabo Verde, e faleceu a 18 de setembro de 2011. Para além de escritor e cronista, foi também jornalista, chegando a participar e a publicar em vários jornais assim como outros meios de comunicação social cabo-verdianos. A título de exemplo publicou no Novo Jornal de Cabo Verde uma coluna que consistia em crónicas sobre a vida quotidiana intitulada de “Janela Indiscreta”, no jornal Horizonte publicou crónicas que abordavam questões políticas cujo nome atribuído era “Preto no Branco”, e no jornal Expresso das Ilhas crónicas que falavam sobre os habitantes da cidade da Praia, com o título de “Memórias na Água”. Fora do ambiente jornalístico, Monteiro publicou em vida os livros de contos *Desassossego* (1992) e *Na roda do sexo* (2009). O último motivou parte da realização deste projeto. Finalmente, será postumamente publicada, ou já se encontra publicada a obra *Impressões I e II*, que devido à falta de informações a respeito do autor não será possível garantir com exatidão que a obra literária já foi de facto publicada pela SOCA Edições, uma vez que não se encontra publicado na sua página web.

A coletânea *Na roda do sexo* (2009) é composta por doze contos que exploram temas como a homossexualidade, homofobia, violência, pedofilia, sexo e a masculinidade/machismo dos homens cabo-verdianos. Nestas narrativas, está implícita a vontade de Monteiro em construir uma voz narrativa que denuncie e critique os comportamentos e injustiças que ocorrem no quotidiano da sociedade cabo-verdiana. É através de uma constante satirização dos eventos presentes nos contos, mascarada e camuflada pela elasticidade linguística que o autor

consegue desconstruir o conceito de tabu associado aos temas que os contos presentes nesta coletânea abordam.

A razão que motivou a escolha dos contos “A liberdade de escolha”, “Na roda do sexo” e “O café das cinco”, resulta da total liberdade e, de certa forma, ousadia em explorar e analisar textos literários que abordem temas que, no mundo atual, se mostram fundamentais. Deste modo, os três contos selecionados ainda não foram objeto de análises literárias, o que proporcionará não só uma maior flexibilidade e liberdade interpretativa e analítica. Esta dissertação também servirá de linha guia para futuras interpretações e visões sobre as respetivas narrativas que até então eram desvalorizadas. Posto isto, seguem-se as análises dos contos mencionados, com o intuito de, desde já, proceder-se uma análise detalhada e, em certos momentos, interpretativa, uma vez que a área da Literatura assim o permite e, também, porque a falta de estudos sobre os mesmos também o facilitam e proporcionam.

“A liberdade de escolha”

Na coletânea *Na roda do sexo* (2009) de Fernando Monteiro, o conto “A liberdade de escolha” constitui um exemplo perfeito para a presente dissertação de mestrado pois, para além de tratar sobre questões como a violência e as relações de géneros, são também feitas abordagens à forma como diferentes expressões de masculinidades são percebidas pela sociedade cabo-verdiana.

Neste conto, como na grande maioria dos contos de Monteiro compilados em *Na roda do sexo* (2009), são evidenciados temas da masculinidade hegemónica, da homossexualidade e homofobia, da violência e do regime patriarcal da sociedade cabo-verdiana. Porém, é de enfatizar a constante fixação, neste conto, dos temas da homossexualidade e da homofobia, uma vez que é em torno destes que a ação atinge o seu clímax. Os protagonistas do enredo, Alcides, Zinha e Tonecas, funcionam como representações dos diferentes grupos sociais que constituem a sociedade de Cabo Verde, tópico que terá o seu lugar de análise num momento posterior. Deste modo, será conveniente, num primeiro momento, apresentar um breve resumo da narrativa, sendo que, como já foi anteriormente referido, não existem estudos e análises tanto deste conto como dos outros dois da autoria de Monteiro, que serão também analisados no presente capítulo.

Como foi agora mencionado, a ação passa-se em torno de Alcides, Zinha e Tonecas, e tem lugar na capital cabo-verdiana. Sintetizando, o conto narra as desavenças entre os protagonistas, todas elas provocadas porque Tonecas, esposo de Zinha, não aprovava a relação

amistosa que a sua mulher mantinha com Alcides. A cumplicidade e companheirismo entre Alcides e Zinha era algo que já advinha desde os tempos de infância de ambos, não havendo qualquer tipo de interesse amoroso e/ou sexual, mas sim uma amizade onde um era o confidente do outro. No entanto, Tonecas desde sempre se mostrou contra esta amizade que a sua mulher mantinha com Alcides pois, segundo os ideais da sociedade cabo-verdiana “...um homem e uma mulher não podem cultivar uma amizade tão profunda assim, sem que nada mais sério se desenrole entre os dois...” (MONTEIRO, 2009, p. 12). Consumido pelo ciúme e pelo medo de ser traído, Tonecas, com a chegada do seu irmão, estrutura todo um plano para desvendar o que verdadeiramente acontecia entre Alcides e Zinha, no entanto não passou de uma simples idealização pois o seu irmão não concordava com as suas desconfianças, tomando o partido de Zinha e Alcides. Tendo o seu único plano falhado, Tonecas tem a sua primeira explosão de fúria que foi rapidamente atenuada ao ver Zinha, esta cansada das suas desconfianças e dos seus comportamentos violentos, a fazer as malas para sair de casa. Após implorar para que Zinha não fosse embora, Tonecas viu-se forçado a aceitar a amizade da sua mulher com Alcides, porém sem sucesso, começando a nutrir não mais ciúme e desconfiança, mas sim ódio por Alcides. Mais tarde, nesse mesmo dia, Tonecas ouviu o seu irmão a marcar um encontro com alguém e, regido pelo ódio, decidiu aparecer de surpresa para finalmente apanhar Alcides com a sua mulher. Tendo chegado a hora marcada de tal encontro, Tonecas apanhou Alcides e o seu irmão “...encavalitados, um sobre o outro...” (MONTEIRO, 2009, p. 15), enquanto a sua mulher estava sentada a observar o par. Aliviado e envergonhado pela sua mulher ser-lhe fiel nem prestou atenção ao que os outros dois estavam a fazer, e só após Zinha lhe explicar que tanto Alcides como o seu irmão são homossexuais, a segunda explosão (esta mais intensa) toma forma. Tonecas, assumindo aqui o comportamento típico do homem “"macho"” cabo-verdiano, mostrou-se contra essa “...praga bíblica...” (MONTEIRO, 2009, p. 17) tentado até matar Alcides. Logo em seguida, Zinha questiona Tonecas sobre a sua masculinidade, na medida em que é ela quem desconstrói a ideia de masculinidade. Zinha desempenha aqui um papel muito importante para os estudos das relações de género, na medida em que tenta inculcar ao seu marido que ele não é superior a Alcides só por este último ser homossexual. Finalmente encontramos Zinha a ir a casa para buscar as suas coisas para ir embora dali até que apanha o seu marido a traí-la não com uma mulher mas sim com um homem. Resultando no suicídio de Tonecas.

O conto é narrado na terceira pessoa por um narrador onisciente que, por meio da ironia e da sátira, faz inferências com o intuito de denunciar os problemas e desigualdades da

sociedade cabo-verdiana. A título de exemplo, a abertura da narrativa dá-se com algumas reflexões por parte do narrador a respeito da conceção da figura masculina cabo-verdiana.

O homem é o único animal que tem a capacidade de promover um quadro com vários cenários e optar pelo que mais lhe convém. É o único animal que, quando confrontado com determinada realidade, é capaz de escolher de entre múltiplas possibilidades de saída. O homem é o único animal capaz de criar opções e escolher alternativas. É verdade que, também, age por instinto, mas, na maior parte das vezes, age em consequência de um pensamento racionalmente elaborado. O homem é o único animal que escolhe. Esta é uma verdade clara como esta água límpida. (MONTEIRO, 2009, p. 9)

Aqui, o discurso adotado pelo narrador não se revela, de modo algum, benevolente, uma vez que se inicia e desenvolve por meio de constantes comparações e associações do homem para com o mundo animal. No entanto, também é realçado nesse discurso a superioridade e privilégio que o homem possui em poder escolher o seu destino. Sendo esta ideia vincada, o tom discursivo adquire uma outra dimensão, já não mais se evidencia sátira ou crítica na voz da narrativa, mas sim uma tonalidade mais intimista e conformista. A velha máxima do homem ser o único detentor de opção de escolha começa a revelar-se falaciosa, pois o homem, naquilo que lhe é dada oportunidade de escolha, tem toda a liberdade de poder decidir qual o melhor caminho para o seu destino, no entanto, essa liberdade é lhe retirada, quando se depara com aspetos que estão fora do seu alcance, passando ele a ser escolhido.

[...] na sua realidade objetiva, ao homem, muitas vezes, é-lhe negado qualquer possibilidade de escolha – é escolhido [...]. O que é certo é que o homem se constrói a si próprio, quando tem a possibilidade de optar, de escolher, entre vários caminhos, a sua alternativa, e é construído, quando, por forças que não controla, é-lhe imposto um futuro, um destino, seja ele ainda um simples embrião, seja ele já um velho caquético. (MONTEIRO, 2009, p. 9-10).

Estas reflexões iniciais de Monteiro servem, para além de abrirem caminho para a apresentação de Alcides, para exprimir e vincar a sua ideologia de que há, de facto, aspetos que o ser humano não tem oportunidade de escolha, aspetos esses que o narrador esclarece: “Não estou a referir-me à predestinação, ao fatalismo do futuro mas a algo mais próximo, que é imposto e é inelutável.” (MONTEIRO, 2009, p. 9). Neste conto, o tema da homossexualidade é a que mais destaque ganha, isto dentro dos aspetos sobre os quais o ser humano ou, apropriando aqui o sentido do conto, o “homem” não possui qualquer tipo de liberdade de escolha. A personagem Alcides é quem Monteiro utiliza para abordar o assunto da

homossexualidade, sendo esta personagem a mais qualificada para tal, uma vez que Alcides é um homem homossexual cabo-verdiano. No entanto, Zinha também, ainda que com menor intensidade, aborda esta questão, partilhando da mesma opinião que Alcides chegando, na parte final do conto, a desempenhar um papel de grande importância para o alcance da igualdade social, esta nunca alcançada.

Relativamente às personagens, Alcides é descrito fisicamente como um homem loiro “de pele clara, de cabrita [...] cabeça pequena [...] mãos de finos dedos e os pés delicados.” (MONTEIRO, 2009, p. 10), possuindo alguns traços descritos como *femininos* ou, segundo Monteiro “...traços que lembrassem a Eva.” (MONTEIRO, 2009, p. 10), sendo feita aqui uma alusão à masculinidade subordinada. Esta personagem surge, inicialmente, como um exemplo de um homem cuja liberdade de escolha não lhe foi concedida no que respeita à sua orientação sexual. Num primeiro momento, pouco ou nada se consegue extrair desta personagem para além da sua postura calma e ponderada, aparentando ser só uma materialização das inferências feitas pelo narrador no início do conto. No entanto, aquando da apresentação do personagem, conclui-se que as inferências iniciais do conto poderiam ser resultado não mais do narrador, mas sim de Alcides. A razão para tal interpretação deve-se ao facto de o narrador interromper tais reflexões ao indicar que “Alcides João dos Santos pensava enquanto se barbeava...” (MONTEIRO, 2009, p. 10). Só aqui é que a voz do narrador entra em ação para descrever, de forma breve o personagem e, uma vez esta descrição concluída, retomam-se as reflexões iniciais, “Prosseguindo o seu raciocínio...” (MONTEIRO, 2009, p. 10), acompanhado num vaivém entre a voz de Alcides e a voz do narrador, este fundindo-se com o personagem através do uso cuidado do discurso indireto livre.

O narrador heterodiegético abre bastante espaço para a focalização interna de Alcides, homem homossexual, no entanto, serem evidenciadas oscilações emotivas através da tonalidade com que expõe os seus pensamentos e/ou argumentos. Este monólogo interior torna-se fulcral não só para a caracterização e entendimento do personagem, mas também para a representação de todas as frustrações e dilemas interiores que a comunidade homossexual¹ cabo-verdiana enfrenta diariamente que, num momento posterior serão novamente exaltadas.

¹ Note-se que aqui só é referido a comunidade homossexual, porém tem-se total conhecimento de que o resto da comunidade LGBTQIA+ não poderá, de modo algum, ser excluída de serem vítimas dos mesmos problemas, mas como aqui é feita uma análise do conto em questão, só se abordará a perspetiva dos homens homossexuais.

Dando continuidade à exposição e caracterização das personagens, é nos apresentado Zinha, única personagem feminina do conto, descrita como uma pessoa intensa, escandalosa e instintiva, ou seja, o oposto de Alcides. Esta personagem pode ser considerada como um elemento mediador, uma vez que é amiga de infância e confidente de Alcides, assim como esposa de Tonecas, construindo uma ponte relacional entre os três personagens.

Mediante o desenrolar da ação, torna-se evidente que Zinha não corresponde ao estereótipo, socialmente construído, da típica mulher cabo-verdiana, isto é, submissa para com as vontades do seu marido, encarregue somente do espaço privado/doméstico. Contrariamente, esta personagem torna-se, ao longo da narrativa, um símbolo de força de oposição para com o sistema patriarcal masculino cabo-verdiano, expresso quando Zinha defende Alcides quando o seu esposo, Tonecas, manifesta o seu desacordo com a sua relação de confidente com Alcides. O facto desta personagem defender Alcides e, conseqüentemente, opor-se ao seu marido, mostra a reivindicação das mulheres pela igualdade social e também pela liberdade de escolha, mostrando-se solidária com Alcides que, como homem homossexual, também é alvo de opressões e subordinações.

A última personagem a ser apresentada é Tonecas, sendo-lhe atribuídas as típicas descrições do “macho crioulo”, ou seja, “antipático e ditador” (p. 12), rancoroso com “coração machista de crioulo cabo-verdiano” (p. 12). Esta personagem apresenta traços característicos da masculinidade hegemónica, ilustrados através da sua postura rude e insensível e até mesmo na forma como mostrava o seu desagrado para com a amizade que a sua mulher mantinha com Alcides pois “Achava-a excessiva, uma nítida parente do amor, um amor camuflado mesmo.” (MONTEIRO, 2009, p. 12). Os seus comportamentos eram, de certa forma, impulsionados e validados pelo seu grupo de amigos que o avisavam constantemente que:

“[...] um homem e uma mulher não podem cultivar uma amizade tão profunda assim, sem que nada mais sério se desenrole entre os dois – têm que estar juntos. Nunca um homem é amigo de uma mulher ou vice-versa; há sempre uma intenção que vai para lá da amizade”, diziam-lhe. (MONTEIRO, 2009, p. 12).

Deste modo, comprova-se que a masculinidade de Tonecas se enquadra no modelo hegemónico, assim como, em menor escala e quase despercebida, verifica-se a presença de uma masculinidade cúmplice representada pelo seu grupo de amigos que fazia com que se intensificasse o medo de Tonecas de ser traído, pois na sociedade cabo-verdiana “... o macho crioulo o mais que temia era ser corneado – ele pode enfeitar a cabeça de todos os homens do

... mundo, mas não admite... a hipótese de ser corneado.” (MONTEIRO, 2009, p. 13), cenário este que o personagem interpreta como um atentado à sua virilidade.

Com o desenrolar da narrativa, estas três personagens estabelecem diferentes tipos de relações entre si, permitindo uma maior densidade interpretativa a nível simbólico. Deste modo, explicitam-se para análise as relações entre os pares Alcides/Zinha, Zinha/Tonecas, Tonecas/Alcides e Alcides/Papá.

Começando pela relação de Alcides com Zinha, verifica-se que está caracterizada pela confidencialidade, companheirismo e intimismo não sexual. Este par corresponde ao polo positivo do conto, isto é, ambos os personagens carecem de características negativas assim como de comportamentos e ideologias discriminatórias e/ou violentas. Dentro dos três pares, este é o único composto por dois indivíduos pertencentes a dois grupos sociais cabo-verdianos diferentes que são alvos de discriminações e opressões. Alcides representa o grupo dos homens homossexuais e Zinha as mulheres. Apesar de pertencerem a grupos sociais que, na teoria, são totalmente diferentes, na prática, ambos são subordinados por parte do sistema patriarcal machista cabo-verdiano. Daí ser justificado o forte laço entre eles, assim como o apoio e defesa de um ao outro.

O segundo par, composto pelo casal Zinha e Tonecas, representa a típica relação conjugal heterossexual existente em Cabo Verde, na qual há um distanciamento do homem do ambiente doméstico e, por sua vez, o confinamento da mulher ao espaço privado/doméstico. Além disso, também se evidencia neste par o descontentamento por parte da mulher do casal para com o modelo hegemónico que é expresso por Zinha quando se depara com os comportamentos violentos e irracionais de Tonecas. Porém, a personagem sempre expressa o seu desagrado com algum receio e cuidado como é o caso do seguinte excerto onde Zinha fala ao seu marido sobre a homossexualidade de Alcides:

- “Há muito tempo que te quis dizer mas sempre tive receio da tua reação. Sendo bruto e insensível, tratando as mais delicadas questões de forma sempre brusca, directa e crua, roçando a hostilidade, [...] Estive tentada a revelar-to, sobretudo, na sequência dos teus ataques de ciúmes, mas faltou-me a coragem na hora certa. (MONTEIRO, 2009, p. 16).

É através de testemunhos como este que se denota o forte contraste entre a figura feminina oprimida e a figura masculina inconsequente e detentora de poder. Num primeiro momento, seria mais que válido considerar este par como o polo negativo do conto. Porém há

que ter também em consideração a polaridade positiva de grande influência que Zinha detém dentro desta relação conjugal, e que se manifesta no momento em que Tonecas “pediu, implorou, suplicou o perdão da esposa...” (MONTEIRO, 2009, p. 14). Caso a sua mulher o abandonasse, a sua masculinidade, aos olhos da sociedade cabo-verdiana, seria posta em causa pela decisão ter sido da esposa e não dele, o que implicaria questionar a sua virilidade enquanto *macho crioulo*, provedor do lar. Deste modo, considera-se que esta relação tem uma polaridade mista. Assume-se mista e não neutra pois aqui não temos demonstrações de neutralidade e/ou abstenções acionais e ideológicas, como acontecerá no par seguinte, mas sim um vaivém de atitudes e posicionamentos que tentam contrabalançar a polaridade entre um e outro.

O terceiro par destacado, referente à relação compreendida entre Tonecas e Alcides, assume-se como a ilustração da coexistência de dois tipos de masculinidades, a hegemónica e a subordinada, respetivamente. É dentro desta relação que os arrufos da narrativa se formam, escalam e findam, mediante um padrão hegemónico. Esta relação é a única que permite expor as relações entre masculinidades díspares, no sentido em como elas se organizam e atuam entre si. Tonecas, o *macho crioulo*, nunca nutriu qualquer tipo de sentimento positivo por Alcides, seja antes de ter conhecimento da homossexualidade deste e muito menos após ter conhecimento da mesma. No polo oposto, temos Alcides que nunca, ou pelo menos nada é evidenciado até à parte final do conto, mostrou qualquer tipo de ressentimento ou hostilidade para com Tonecas. Esta relação é a única que assume uma dupla, se assim puder ser feita a analogia, polaridade, isto é, tanto neutra como negativa. Começando pela polaridade neutra, esta só é nutrida por Alcides em que, por mais barbaridades e hostilidades perpetuadas por Tonecas, há um empenho em apaziguar o ambiente no qual ele está inserido “... Zinha, a pedido de Alcides, concedeu-lhe mais uma oportunidade...” (MONTEIRO, 2009, p. 14). Um outro fator que comprova a sua polaridade neutra é o facto de este personagem ser inserido socialmente no grupo masculino subordinado que, como vimos em capítulos anteriores, os homens homossexuais estão no fim da hierarquia de dominação masculina, sendo-lhes impingido a subordinação para com o modelo/sistema hegemónico. Já a polaridade negativa é desempenhada, na sua grande maioria, por Tonecas cujo carácter é regido pelo modelo hegemónico que se traduz nos constantes comportamentos agressivos e impulsivos, onde a sua única preocupação é a salvaguarda da sua masculinidade e virilidade aos olhos da sociedade. O antagonista, Tonecas, assume desde o início do conto até ao seu final uma postura caótica que não pode abrir mão de qualquer tipo de manifestação de vulnerabilidade.

E explodiu como o vulcão do Fogo. Colérico, vermelho como camarão, tirou a pistola e atirou dois tiros para o ar [...] esconjurou todos os paneleiros do mundo, condenou-os todos ao fogo dos Infernos, matou-os de mil mortes, eram piores de que as cadelas sarnentas, eram uma praga bíblica, eram piores que a lepra e a sida juntas. Não gramava os paneleiros e “tu, Alcides, paneleiro, eu odeio-te, eu vou dar cabo de ti, vou acabar com a tua raça, grande paneleiro! Não gosto de paneleiros!” (MONTEIRO, 2009, p. 17-18)

O quarto e último par destacado corresponde à relação sigilosa de Alcides com Papá, irmão de Tonecas. A dinâmica deste par só é demonstrada através do desejo sexual de ambos, ou seja, pouco ou nada se consegue extrair em questões emotivas para além do facto que todos os seus encontros teriam de ser meticulosamente e atempadamente planeados, de forma a não serem descobertos e, por sua vez, criticados pela esfera pública machista cabo-verdiana.

Relativamente a este par, Alcides/Papá, surge um outro aspeto que vale a pena salientar. Tome-se como ponto de partida o seguinte excerto:

Alcides e o irmão, encavalitados, um sobre o outro – não reparou quem era o cavalo e quem era o cavaleiro –, jogavam um jogo qualquer, enquanto a sua mulher, sentada num canapé, abraçada às pernas, incitava-os com grande entusiasmo. Sorria, muito feliz. Porém, deu um salto de felino, pondo-se em pé, quando viu Tonecas o umbral, olhando-a fixamente. Como uma criança flagrada a comer açúcar, ficou um instante atarantada, desorientada [...] Estava visivelmente surpresa com a presença do marido, via-se que tinha algum medo. (MONTEIRO, 2009, p. 15)

Aqui, para além da revelação da relação homossexual de Alcides e Papá e, por conseguinte, da comprovação da fidelidade de Zinha a Tonecas, é nos também exposto uma particularidade comportamental de Zinha que assistia ao ato sexual do par. Deste modo, para uma melhor compreensão deste comportamento da personagem, mostra-se conveniente a inclusão da definição do termo voyeurismo:

Voyeurismo é um termo de origem francesa (*voyeurisme*) cujo significado etimológico do radical voyeur é: “{fr. Lit. ‘o que vê’)... etim fr. Voyeur (1740) ‘pessoa que assiste a algo por curiosidade?, (1883) ‘pessoal que se excita ao ver a nudez ou o ato sexual de outrem’ [...] (SILVA, 2017, p. 29)

Tendo em consideração a definição apresentada, voltemos a atenção para Zinha, especialmente para a(s) razão(ões) que originou(aram) esta tendência voyeurista da personagem. Para tal, recuemos até ao excerto extraído da narrativa onde nos é informado que Zinha, ao observar Alcides e Papá, “incitava-os com grande entusiasmo”, ou seja, não nos

indica que de facto, a personagem estaria a extrair algum tipo de prazer sexual, mas apenas “Sorria, muito feliz”. Contudo, o conceito de voyeurismo não se restringe somente ao campo sexual:

1 – Psicop. desordem sexual que consiste na observação de uma pessoa no ato de se despir, nua [...] 2 – p. ext. forma de curiosidade mórbida com relação ao que é privativo, privado ou íntimo [...]. (HOUAISS & VILLAR apud SILVA, 2017)

Assim, pode-se assumir que o voyeurismo de Zinha é fruto de uma curiosidade pelo ato sexual de um relacionamento, neste caso, homossexual, uma vez que:

A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas [...] (FREUD apud SILVA, 2017)

No entanto, relembremos que a sociedade cabo-verdiana oprime o feminino tanto social como sexualmente. A respeito desta opressão do feminino, Silva em *Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo* (2017) afirma que:

No caso da mulher, a repressão foi mais forte e proporcionou poucos espaços para o deslocamento da libido. Claro que nos dias atuais, com as conquistas do movimento feminista, esse espaço, pelo menos no ocidente, tem aumentado. No entanto, com a falta de uma autêntica liberdade sexual, a cisão tem se mantido. (SILVA, 2017, p. 38)

Com base no que até então foi exposto, considera-se que o voyeurismo de Zinha pode advir das ideologias da sociedade machista patriarcal cabo-verdiana.

A sociedade de Cabo Verde foi construída segundo as bases do patriarcado, onde a exibição da masculinidade atinge a sua validação através dos relatos dos encontros sexuais. No entanto, qualquer expressão emotiva era considerada como fraqueza e como um comportamento feminino, sendo por esta razão discriminado socialmente. Deste modo, a homossexualidade era ainda uma questão longe de ser normalizada no arquipélago, levando muitos homens a terem vários casos sexuais tanto com mulheres, estes publicamente expostos, como com outros homens, aqui já num ambiente sigiloso.

A título de exemplo temos a personagem Tonecas que, desde o começo da narrativa, foi apresentado como um *macho crioulo* que agia mediante as ideologias impostas pelo modelo da masculinidade hegemónica. No entanto, no desfecho do conto é nos revelado que, debaixo desse manto de macho tóxico que o personagem vestia socialmente, há uma homossexualidade

reprimida que, se revelada, poderia prejudicar a sua imagem de *macho* viril. Assim, em função de não revelar a sua homossexualidade, Tonecas sente uma constante necessidade de provar a sua masculinidade hegemónica, por meio de crimes de ódio para com homens homossexuais.

Tonecas [...] esconjurou todos os paneiros do mundo, condenou-os todos ao fogo dos Infernos, matou-os de mil mortes, eram piores de que as cadelas sarnentas, eram uma praga bíblica, eram piores do que a lepra e a sida juntas. Não gramava os paneiros [...] (MONTEIRO, 2009, p. 17)

Contudo, quando o seu segredo é desvendado, Tonecas é consumido pelo medo do repúdio e ódio que iria sofrer por parte da sociedade cabo-verdiana, encontrando no suicídio a única escapatória de uma vida tumultuosa. Este fim trágico do personagem é um exemplo perfeito de como o conceito da masculinidade hegemónica, quando é exagerada e se torna tóxica, pode causar repercussões para o próprio indivíduo que a vive e incorpora.

“Na roda do sexo”

O próximo conto a ser submetido a análise intitula-se “Na roda do sexo”, conto este que deu nome à coletânea na qual está inserido. Nele encontram-se as principais temáticas pelas quais a coletânea é conhecida, ou seja, a masculinidade do homem cabo-verdiano no contexto social/público, a ausência e/ou distanciamento do homem no ambiente familiar e o incesto.

Este conto, narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, desenvolve-se em torno de Lora e Zuky, especificamente sobre o desejo sexual nutrido por ambos mas que, num momento inicial, era contrariado por Zuky por ir contra os seus ideais. A narrativa é inaugurada com a apresentação, maioritariamente física, de Lora, uma empregada doméstica recém chegada à capital cabo-verdiana. A isto segue-se a apresentação de Zuky, rapaz adolescente que acabaria por ficar atraído pela fisionomia de Lora. Reforcemos e isolemos somente a fisionomia de Lora pois a descrição do corpo de Lora corresponde à representação perfeita do ideal de beleza da mulher cabo-verdiana “... umas pernas grossas, roliças, umas ancas largas, uns traseiros de ámen-jesus, umas mamas opulentas...” (MONTEIRO, 2009, p. 101) desviando-se, deste modo, do ideal de magreza ocidental. No entanto, para Zuky a beleza de Lora “...terminava antes de chegar ao pescoço de pato.” (MONTEIRO, 2009, p. 101).

Contrariamente ao seu corpo, o rosto de Lora não preenchia todos os requisitos, pois era “... aos olhos de Zuky, o rosto ideal da mulher feia” (MONTEIRO, 2009, p. 101), ao qual se passa a citar:

[...] reparou logo no corpo cheio, bem milhado da rapariga, um corpo onde pontificavam umas pernas grossas, roliças, umas ancas largas, uns traseiros de amén-jesus, umas mamas opulentas [...] Na verdade, a começar logo pelo rosto redondo como bolacha, uma lua cheia, que, de forma harmoniosa, se casava com duas orelhas, mas de pluto. Depois, a boca grande e o nariz mopido, a boxeur – consequência de pancada [...] (MONTEIRO, 2009, p. 101).

Com base nesta descrição entre o “belo” e o “feio”, pode-se concluir que se trata de uma descrição um tanto esquizofrénica que traduz, provavelmente, o ideal de beleza da mulher mestiça, onde o corpo se adequa ao ideal africano de formas voluminosas e o rosto ao ideal europeu de formas mais finas.

Através do exposto, a problemática levantada pelo narrador não fica só pela objetificação da mulher, mas vai mais além ao fazer uma inferência sobre o temperamento de Lora que, de acordo com os ideais de Zuky, se mostraria “...folgada, descomplexada, desinibida... atrevida demais.” (MONTEIRO, 2009, p. 101). Aqui acredita-se que é com esta inferência que o narrador, e/ou autor implícito, denuncia as padronizações impostas ao universo feminino por parte da sociedade cabo-verdiana que, contrariamente à descrição de Lora, eram-lhe exigidas um comportamento e temperamento submisso, recatado e passivo.

O dilema de Zuky, um dos grandes focos, se não o maior, de toda a narrativa, surge por causa do contraste entre o rosto de Lora e o seu corpo, uma vez que, como já foi referido, ia contra a sua conceção idealizada do Belo.

Como todo o adolescente, Zuky vivia muito do idealismo, daquilo que constituía não só a realidade circunvizinha, mas também de milhares de pequenos átomos de milhares de realidades estranhas, umas assumidas, voluntariamente, outras de forma compulsória, e outras, ainda, captadas de forma inconsciente. (MONTEIRO, 2009, p. 102)

Este dilema de Zuky começa a evoluir gradativamente até ao ponto de o personagem começar a mostrar preocupação sobre a sua imagem de *macho* viril, dado o facto de que, sob a perspetiva dos seus amigos não havia qualquer motivo que fosse plausível para a recusa de Zuky, especialmente quando Lora mostrava o mesmo nível de interesse por ele. Esta preocupação com a possibilidade de a sua masculinidade e virilidade ser posta em causa rapidamente fez com que Zuky entrasse num estado de total desespero, pois:

[...] um macho que não apanha, que não capta, que não sintoniza a Praia é um homem inútil, porque é um homem capado [...] Ou pior do que isso, principalmente quando

a fama corre e é do domínio público. E pior seria a etiqueta de macho-fêmea estampada no peito. (MONTEIRO, 2009, p. 104)

Como também já foi mencionado no conto anterior, aqui o rótulo de *macho-fêmea* assume-se como um exemplo da forma como a sociedade patriarcal machista cabo-verdiana estava organizada, onde os homens homossexuais ocupavam o lugar mais baixo e, para além disso, a própria rotulação acarreta uma noção pré concebida da inferioridade feminina.

Posto isto, um outro aspeto é abordado num diálogo de Lora com uma colega, no qual esta última a questiona com o “Porque é que não o comes à força?” (MONTEIRO, 2009, p. 105), ou seja, algo totalmente atípico do que era esperado do comportamento de uma mulher cabo-verdiana. Contudo, a colega de Lora prossegue a sua teoria:

Se um homem, homem não, um rapazinho, não dá o passo para ter o que quer, é porque não quer? Ele está só a tentar-te, deixar-te ferver, sem vir botar água na tua fervura. Se assim é, então podes ficar aqui à espera, até ficares velha de boca mole, que ficas só com ganas. Pensa no que te digo, menina, e deixa-te de lérias! Se o comeres à força, tu és mulher e ninguém vai dizer que violaste o rapazinho. (MONTEIRO, 2009, p. 105-106).

Com base no discurso da colega, Lora pondera e decide usar a sua condição de mulher submissa e recatada como arma para conseguir o que quiser de Zuky, sendo este forçado a aceitar tudo o que lhe seja proposto pois, caso se oponha, correria o risco de o seu estatuto de macho viril ser posto em causa.

Avançando com o enredo, ambas as personagens acabam por consumir, de forma sigilosa, o desejo sexual que até então tinha sido cultivado, correndo tudo conforme o previsto, repetindo os seus encontros secretos sempre com o maior dos cuidados para não serem apanhados. Tais encontros são interrompidos quando Lora engravida de Zuky, motivo este que leva a sua mãe a ir para a capital cabo-verdiana, pois:

Naquele tempo, as mães eram todas muito zelosas: em quaisquer circunstâncias desagradáveis, sobretudo para as filhas, faziam de tudo para estarem perto delas. Foi o que aconteceu com a mãe da Lora. Mal ouviu que a filha estava à espera de bebé, rumou à capital, para o que fosse necessário. (MONTEIRO, 2009, p. 108)

A mãe de Lora assume um papel de grande importância que mostra a função do homem no ambiente familiar, ou melhor, a ausência e distanciamento deste. Contextualizando, Lora

nunca teve conhecimento do paradeiro do seu pai, muito menos de quem seria ele, até ao momento da chegada da sua mãe à Praia:

Instalando-se no terceiro andar do prédio vizinho [...]. Reconheceu o pai da filha, o malandro que fora passar uns dias de férias na terra donde ela era originária. Apaixonara-se por ela, arranjaram-se e ele deixou-lhe de presente um filho na barriga. Nunca mais quis saber dela. (MONTEIRO, 2009, p. 108)

Aquando do momento de conhecer finalmente o seu pai, Lora entra num estado de completo choque ao ver que o seu pai é também o pai de Zuky, este que seria o futuro pai do seu filho. Vendo-se forçada a cortar qualquer tipo de contacto com o seu recém descoberto irmão, assim como terminar o que restava da sua relação amorosa incestuosa por desconhecimento, decide abandonar a capital, acabando por ir com a sua mãe.

Este tipo de situações de relações incestuosas, por mais improváveis que aparentem ser, são o resultado direto do afastamento e ausência do homem nas relações familiares, sendo:

[...] frequente que o homem tenha simultaneamente relações sexuais e afetivas múltiplas, com mais de uma parceira, relações que também podem gerar filhos [...] os sentidos dados à masculinidade passam pela distância relativa do homem do universo doméstico, especialmente nos cuidados com as crianças. (LOBO & MIGUEL, 2020, p. 195).

Deste modo, é comumente esperado que um homem cabo-verdiano tenha várias parceiras sexuais e é até considerado como uma característica inerente à sua biologia, que representa a sua masculinidade no mais alto nível.

[...] é frequente que o homem tenha simultaneamente relações sexuais e afetivas múltiplas, com mais de uma parceira, relações que também podem gerar filhos [...] os sentidos dados à masculinidade passam pela distância relativa do homem do universo doméstico, especialmente nos cuidados com as crianças. (LOBO & MIGUEL, 2020, p. 195)

No entanto, há que referir que por ser um comportamento esperado do homem crioulo, não implica aqui que seja aceite pelo universo feminino. Porém, isto só ajuda a ilustrar um outro ponto da opressão que as mulheres cabo-verdianas enfrentam diariamente.

“O café das cinco”

O terceiro e último conto selecionado para ser analisado, “O Café das Cinco”, destaca-se dos outros dois por direcionar o seu foco para a questão da homossexualidade. Com isto não

se infere que os restantes contos inseridos na coletânea *Na Roda do Sexo* (2009), não abordem esta mesma questão mas, no presente conto, é abordada a questão relacionada com o universo feminino, algo que, até então, só tinha sido relacionado com o universo masculino. Uma vez que, para o atual capítulo, o foco analítico recai sobre as configurações do masculino, a seleção deste conto, cuja composição e enredo revolve em torno de personagens femininas, poderá ser considerada como problemática ou até mesmo descontextualizada, pelo menos num primeiro momento. Contudo, após devida análise, torna-se possível encontrar testemunhos, comportamentos e concepções que muito dizem sobre a imagem do homem crioulo, por parte de uma perspectiva feminina, que se torna fulcral para a revelação da verdadeira realidade da postura que tanto o homem cabo-verdiano como a sociedade patriarcal machista de Cabo Verde assumem e interferem nos/as cidadãos/ãs nela inseridos/as.

Não obstante, respetivamente ao tema do lesbianismo, Monteiro consegue aqui inserir vários outros temas que mostram o inferno dos grupos subordinados, tais como a objetificação, violação, discriminação e violência. Uma vez que este conto, quando comparado com os outros dois que o antecedem, é o que apresenta uma maior densidade e extensão é imperativo, antes do início dos processos analíticos e especulativos teóricos, dedicar-se aqui um espaço para um breve resumo da narrativa.

A ação passa-se em volta de três mulheres que “religiosamente, todos os dias... quando faltavam menos de cinco minutos para as cinco da tarde... chegavam ao café da esquina...” (MONTEIRO, 2009, p. 153). Para além da sua beleza, despertavam curiosidade a todos os homens, pois nada sabiam das suas vidas privadas. Este mistério sobre as três personagens é o que despoleta e guia a narrativa, levando o narrador-personagem a colocar uma escuta na mesa habitual das mulheres, com o intuito de, tanto ele como os seus amigos, descobrirem algo mais sobre o trio feminino.

Inicialmente, o plano de espionagem das conversas do trio mostra-se em vão, pois as três não passam de “... conversas banais, de mulheres banais desta cidade banal.” (MONTEIRO, 2009, p. 156). Uma vez que este padrão, onde a conversa era “... igual ou menos interessante de que qualquer conversa de peixaria...” (MONTEIRO, 2009, p. 153), se repetia, os cinco homens, cuja curiosidade se extinguiu, decidiram acabar com a espionagem. Antes de desligarem a escuta definitivamente, o narrador-personagem ouve uma conversa séria, na qual o nome da polícia estava envolvido, deixando-o incrédulo e ainda mais empenhado em

descobrir o que de tão grave tais mulheres poderiam ter feito, chegando a concluir que só poderia ser algo relacionado com tráfico de droga.

Tendo recebido esta informação, o narrador-personagem pede ajuda a Yekine e Mamadú, seus amigos, traficantes de droga experientes, completando deste modo o elenco das personagens principais. É a partir deste momento que os três homens dão início a um longo e estratégico plano, que ocupa grande parte do conto, cujo principal objetivo seria apoderarem-se da, especulada, rede de tráfico de drogas das mulheres.

Avançando para o desfecho da narrativa, os três homens conseguem descobrir o que verdadeiramente o trio feminino fazia sigilosamente. Para a surpresa do trio masculino, elas organizavam encontros regulares com outras mulheres jovens para fins sexuais, pagando-lhes com pequenas quantidades de droga, dinheiro e produtos de higiene feminina. Tendo o seu segredo descoberto, as três mulheres viram-se forçadas a ceder às chantagens dos homens, de forma a salvaguardarem as suas imagens sociais.

Optou-se aqui por fazer um resumo dos acontecimentos de uma forma generalizada pois, para a presente análise, somente nos interessa os aspetos relacionados com as relações e configurações entre e intra géneros.

Posto isto, inicie-se o processo analítico do conto, advertindo que existem seis personagens principais, das quais o narrador faz parte. Ou seja, contrariamente aos dois contos anteriores, temos presente um narrador-personagem que participa na ação, assumindo a forma de um homem nigeriano que vive em Cabo Verde, narrando em primeira pessoa. Importante será mencionar que este narrador-personagem, para além de intervir na narrativa, na grande maioria encarrega-se de descrever o que capta com os seus sentidos, fornecendo apenas uma visão parcial da história. Porém, podem ser evidenciadas algumas inferências feitas não pelo narrador-personagem, mas sim por um narrador onisciente, posicionadas estrategicamente com a finalidade de criticar a sociedade cabo-verdiana.

Como já foi referido, este conto introduz um novo tema, a homossexualidade feminina, mas também são abordados outros temas como a prostituição, pedofilia, objetificação do feminino e a masculinidade cabo-verdiana. Note-se também que o presente conto, além da sua extensão e densidade, é o que, em comparação com os outros contos seleccionados, está meticulosamente construído de forma a permitir a total submersão do leitor, mediante a

utilização de uma linguagem muito próxima da oralidade, descrições imagéticas e o uso de alcunhas, ou a ausência de termos.

[...] Como o café da esquina não tinha televisor, em dias assim, ficava à mosca, com três ou quatro marmanjos que eram indefectíveis – eram os únicos dias em que as três beldades ficavam mais à vontade e atiravam o único comentário que se lhes conhecia: “hoje, o futebol já nos derrotou.” (MONTEIRO, 2009, p. 157)

Numa primeira leitura, certas marcas de objetificação corpórea do feminino, de desvalorização da mulher e de masculinidade hegemônica são facilmente encontradas nos comportamentos e discursos dos personagens masculinos. No entanto, as caracterizações que, *a priori*, são entendidas como banais ou inofensivas, revelam-se elementos fulcrais de carga simbólica exacerbada. Nesta linha de pensamento, analisemos as três mulheres protagonistas da narrativa. Uma vez que este conto se encontra narrado em primeira pessoa, torna-se previsível uma descrição predominantemente física e superficial das outras personagens, o que faz com que sejam mais notórias as objetificações do trio feminino. Posto isto, estas três mulheres apesar de serem multiplamente mencionadas ao longo da narrativa, em momento algum são referidas pelo seu nome próprio, mas sempre por alcunhas e adjetivações. Durante a ação não há um momento em que o narrador-personagem menciona o nome de cada uma das mulheres, forçando aqui o leitor a ceder à objetificação das personagens femininas. Curiosamente, um dos nomes do trio feminino é revelado, no entanto só é utilizado uma vez por uma delas. Destaca-se este pequeno, mas simbólico, detalhe pois o narrador-personagem sempre ou quase sempre que fala dos seus amigos, faz questão de referir os seus nomes, Mamadú e Yekine. Com base nesta linha de raciocínio, atente-se o seguinte trecho:

Possuíam classe, vendiam charme, eram três magníficas mulheres. As três eram todas bonitas. A mais alta, que também aparentava ser a mais velha, tinha, entretanto, um corpo harmoniosamente belo, com um rosto bonito, onde sobressaíam uns olhos verdes. A cor poalha dos cabelos casava-se muito bem com a cor clara-queimada da pele. A de altura mediana era mais dada para o moreno, o corpo cheio, das buchas à cabeça – não havia homem nenhum que ficava insensível diante dela. Por último, tínhamos a menos alta, nem por isso a menos bonita. Se calhar, era a mais perfeita de todas, era aquela que reunia o consenso dos homens que vendiam nas imediações do café da esquina – qualquer um de nós vendíamos um braço para nos deitarmos com qualquer delas, mas não hesitaríamos em dor os dois, se fosse com a pretinha mais linda do mundo, conforme a chamávamos. (MONTEIRO, 2009, p. 154)

Após a leitura do excerto, é evidente a ausência e/ou desinteresse pela caracterização psicológica das três mulheres que, daqui em diante, serão distinguidas e referenciadas ou pela sua pigmentação de pele, ou pela sua altura. Aqui agrava-se o problema, não bastando a distinção das mulheres pelas suas características físicas, mas também começam a ser feitas associações de determinados comportamentos, usando a estatura de cada uma como justificção, aspeto este que será repetido constantemente com o decorrer da ação.

Através desta passagem que, numa primeira leitura, se mostra ser uma simples descrição física das três personagens femininas podemos destacar, por um lado, assunções onde a mulher mais alta era logo considerada como a mais velha, enquanto a mulher mais baixa era a que melhor correspondia ao padrão idealizado de beleza feminina cabo-verdiana. Por outro lado, também podem ser, desde já, evidenciado preferências e/ou favoritismos através das descrições presentes neste trecho. Quando isoladas as descrições de cada uma das personagens, torna-se impossível ignorar que a mulher “...de altura mediana...” (MONTEIRO, 2009, p. 154) quase não é descrita e *elogiada* como as outras duas. De forma a reforçar tal interpretação, regressemos uma última vez ao excerto e exaltemos o outro aspeto comum em todas as descrições das mulheres, a coloração da pele. Há uma preocupação em indicar a *raça* de cada uma das personagens ao invés de algo fundamental, o nome próprio. Deste modo, aqui considera-se que a segunda mulher, por ser mestiça, não lhe é dada a mesma atenção, sendo aqui feita uma alusão ao período colonial, especificamente para as questões da mestiçagem. O mesmo também poderá ser aplicado às descrições das outras duas mulheres, a primeira, a branca, descrita com algum cuidado e requinte linguísticos, isto quando comparado com as restantes. A terceira mulher, pela própria maneira de a mencionar, “... a pretinha...” (MONTEIRO, 2009, p. 154), revela a preferência desta entre o trio, visível através do uso do diminutivo, que contrasta com a forma como a mulher mais alta é referida, “... liguei e falei para a grandalhona...” (MONTEIRO, 2009, p. 173).

Prosseguindo, é a partir da forma como este trio feminino é descrito pelo trio masculino que se consegue observar as desigualdades comportamentais entre homens e mulheres cabo-verdianos:

Os homens entravam então numa autêntica roda de loucos, tecendo as mais insuspeitadas das piadas, formulando os mais descabidos comentários sobre as capacidades sexuais das três. As tiradas desses homens eram ainda mais absurdas, porque não conheciam as senhoras, só sabiam que todas eram casadas e, do que

sabiam, eram também fiéis esposas, não tinham amantes. (MONTEIRO, 2009, p. 155).

Outrora foi afirmado que a esfera pública era atribuída ao homem e a privada à mulher, sendo este trecho o que melhor ilustra essa divisão social dos gêneros. Ou seja, aqui a figura masculina exibindo a sua virilidade através de comentários sexuais de forma a reforçar a sua masculinidade, contrastando com a figura feminina, cuja vida pessoal deve manter-se privada e sigilosa.

No entanto, aquando da espionagem das conversas das três mulheres é revelado, pelo narrador-personagem, um estereótipo que o homem associa à mulher cabo-verdiana, como um ser de inteligência e essência inferiores.

[...] as três, para não fugirem à regra, como todas as mulheres bonitas, eram das que não escapavam ao epíteto de comuns, quando se tratava de matéria espiritual, quando se tratava de pensar, de elaborar ideias, de ter ideias, [...] não passavam de simples mulheres, bastante interessantes, magníficas mesmo, mas apenas no plano exterior. Porque no resto, eram um fiasco, um aborto. [...] Com essas três, nada. Ocas e desinteressantes. (MONTEIRO, 2009, p. 157)

Este estereótipo criado pelo sistema masculino hegemónico e tomado como verdadeiro pelo narrador-personagem, rapidamente se revela falacioso a partir do momento que este tem conhecimento do local, “... a toca do Brasil...” (MONTEIRO, 2009, p. 163), onde estaria escondida a mercadoria para depois ser traficada, lembrando que isto não passava de uma especulação do trio masculino. A opinião inicial das mulheres como seres intelectualmente inferiores deu lugar a uma outra, de igual carga negativa, onde a mulher é entendida como um ser frágil e inocente, enquanto o homem como robusto e forte. Tal observação surge aquando da descoberta de que a toca do Brasil era vigiada somente por mulheres:

Uma coisa, porém, intrigava-me e martelava na minha cabeça, sem parar. Ao que tudo indicava, as três magníficas mulheres escolheram mulheres para guardarem tão preciosa mercadoria. Porque não homens? Era mais vantajoso ter homens como guardas, para melhor disfarçar o negócio? Se sim, de facto, com homens expunham-se mais, na medida em que mulheres não podem andar misturadas aos homens, sem despertar curiosidades. Muito bem pensado. (MONTEIRO, 2009, p. 163)

Surpreendido com a inteligência das mulheres surge, novamente, a necessidade de reforçar a sua masculinidade, uma vez que “Era necessária gente com toneladas de colhões para derrubar as espertezas dessas aí.” (MONTEIRO, 2009, p. 167). Com isto, o narrador-

personagem eleva tanto a sua masculinidade, como a de Yekine e Mamadú. Dando continuidade ao reforço da masculinidade, esta também obtém a sua validação através da exibição pública do desejo sexual, ao qual o seguinte excerto faz referência:

Obviamente, eu e Yekine desejámos, até doer e sangrar, entrar naquela casa, com tantas e tantas mulheres nuas a necessitarem de machos como nós. “Deus dá milho ilhado a quem não tem dentes”, pensei, profundamente triste, por ver tantas mulheres prenes de desejo e eu não poder satisfazer a nenhuma sequer. (MONTEIRO, 2009, p. 168)

Tendo entendido a organização e hierarquização da sociedade patriarcal de Cabo Verde, sabe-se que os homens homossexuais, para além de oprimidos e desprezados, são associados ao universo feminino, daí o rótulo de *macho-fêmea*. Porém, este conto mostra que o mesmo acontece com mulheres homossexuais, ou seja, da mesma forma que um homem gay era considerado como uma mulher, uma mulher lésbica era percebida pela sociedade como um homem. Pois, segundo esta ideologia masculina hegemónica, sentir atração ou desejo por um homem, era um comportamento característico do feminino, sendo que para ser homem há que sentir atração somente por mulheres.

Na parte final do conto, as três mulheres, após serem encurraladas pelos três homens, estes com intenções de as violar, mostram a complexidade das identidades de género, algo que até então não tinha sido encontrado nos contos anteriores, isto através de uma perspectiva feminina. A primeira mulher, a branca, inicia o seu discurso afirmando “... que preferia morrer a ceder o seu corpo a um homem.” (MONTEIRO, 2009, p. 175), acrescentando logo em seguida:

- É que eu sou um homem. Sinto-me homem como qualquer outro homem e só sinto desejo por mulheres. Eu só tremo de prazer, quando sinto uma mulher a tremer de desejo nos meus braços. Só sinto desejo por mulheres. Sou homem, homem, homem! Como você, você e você. Por favor, não me façam sentir nojo de mim, raiva de mim. Fazer sexo comigo, equivaleria a um de vocês fazer sexo com outro homem. É a mesma coisa. (MONTEIRO, 2009, p. 175)

Com base no excerto, seria totalmente válido concluir que estamos perante um homem transexual, isto só tendo em consideração a forma como a personagem expõe os seus sentimentos. Porém, e não invalidando a primeira conclusão apresentada, também se averigua que, para esta personagem, a definição de homem, em questões do *ser*, resumia-se, única e exclusivamente, ao facto de sentir atração e desejo sexual por mulheres. Esta segunda conclusão

apoia-se na ideia, anteriormente constatada, de que os homens homossexuais são considerados como *machos-fêmea*, ou até mesmo, como é referido por Mamadú, ao expor o seu plano para apanhar as três mulheres, “se qualquer uma delas quisesse, um dia, trair o grupo, teria sobre si a ameaça de ser lésbica, de ser homem.” (MONTEIRO, 2009, p. 169). Deste modo, esta afirmação da personagem pode ser interpretada como o enraizamento das ideologias provenientes da sociedade patriarcal machista cabo-verdiana.

Contudo, ambas as conclusões, por mais antitéticas que sejam, comprovam a não linearidade e conceções binárias relacionais entre sexo biológico e género, assim como um possível surgimento de uma *nova* masculinidade ou configuração de masculinidade, apenas experienciada por sujeitos femininos. Note-se que aqui ao se declarar uma *nova* masculinidade do feminino, não se pretende ir contra os estudos sobre masculinidades de Connell, mas sim o de propor que, tanto um homem como uma mulher podem reunir em si configurações de determinada(s) masculinidade(s). De facto, a masculinidade subordinada seria a melhor candidata para inserir esta personagem, no entanto “... a vida de um homossexual é um inferno, a vida de uma lésbica é mil vezes mais insuportável.” (MONTEIRO, 2009, p. 174). Ou seja, a subordinação de um homem gay jamais será igual à subordinação de uma mulher lésbica, pois esta é duplamente subordinada e oprimida, primeiro por ser mulher e depois por ser lésbica.

No entanto, mostra-se pertinente reforçar que as identidades sexo-genéricas são construídas dentro de contextos culturais específicos, pelo que nem sempre é possível aplicar as mesmas terminologias em múltiplas sociedades. Por outras palavras, a diferença entre um determinado sujeito afirmar-se como lésbica butch ou homem trans não é absoluta. Muito pelo contrário, a fronteira é algo fluído que se mostra dependente do contexto tanto cultural como social no qual o sujeito se encontra inserido. Contrariamente ao caso desta personagem, as mulheres lésbicas, em muitos contextos culturais, não sentem esta necessidade de se definirem como homens.

Dado como concluída a reflexão da primeira mulher – a branca – seguem-se os argumentos da mulher mais baixa, “... a pretinha...” (MONTEIRO, 2009, p. 175):

[...] preferia morrer a ser montada por um homem, que de cada vez que sonha com o carinho de um homem, sente calafrios e fica doente; nunca pensa num homem como objecto sexual de desejo – fica horrorizada de cada vez que um homem lhe fala de sexo. É que, desde os oito anos foi sucessivamente violada pelo padrasto e pelos seus outros cinco meios-irmãos [...] De cada vez que um deles a usava, sentia uma profunda dor na alma e no corpo, que, a pouco e pouco, se transformou em ódio por

todos os homens. Esse ódio cresceu para a frigidez, de tal forma que, para os homens, ela se tornou frígida; só sentia prazer com mulheres. (MONTEIRO, 2009, p. 176)

Neste caso, já podemos interpretar e analisar sob outra perspectiva, na qual a afirmação da homossexualidade da personagem foi impulsionada, porém não determinada, por fatores/situações externas. A figura masculina, na sociedade cabo-verdiana, é entendida como instintiva e inconsequente, cujos comportamentos perversos e impulsivos não são repreendidos, mas sim vistos como algo típico da construção do ser masculino. No caso desta mulher, como no caso de muitas outras, a sua condição feminina viu-se corroborada ao ser submetida a objetificações do eu corpo, assim como a experiências traumáticas tais como violações, relações incestuosas e pedofilia, que passaram a ocupar grande parte da sua realidade. Devido a estas experiências traumáticas, surge o seu ódio e repulsa para com o universo masculino, levando esta personagem a procurar prazer e, eventualmente, desejo nos círculos onde se sentirá mais bem compreendida, confortável e segura, neste caso, em relações homossexuais.

Finalmente temos o depoimento da mulher “morena”, cujas afirmações são as que melhor explicam as observações feitas a respeito do favoritismo e interesse para com as outras duas mulheres, em detrimento dela:

- Eu não tive um pai déspota como o pai de Antónia – a branca –, que fizesse sentir à filha que o mais importante e vital para a sobrevivência da raça humana era ser homem. O meu pai não me obrigava a ser homem todos os dias, a ponto de só me oferecer brinquedos para homens, a ponto de até me dar roupas de homem. O meu pai, felizmente, orgulhava-se da filha. Também não tive nem padrasto nem meio-irmãos que apontassem o seu sexo para o meu ventre, mal sentissem o desejo a apertar-lhes as virilhas. De mim, nenhum homem abusou. Bem queria que abusassem de mim. Mas nunca me quiseram. O meu casamento foi um fiasco, mesmo antes de começar porque quando descobri que o meu marido era um inveterado paneleiro, já era tarde – a respeitabilidade da minha família, o estatuto da minha família, as responsabilidades políticas, económicas e sociais depositadas na minha família conformaram o meu comportamento e fizeram-me aceitar um marido fêmea, como eu. Desde então, fiz tudo para, com dignidade, atrair um homem. Pescava olhos, abria-lhes as pernas, brincava com a língua na frente deles, via que todos ficavam com os miolos revirados, mas todos se esbarravam na minha respeitabilidade e nenhum ousava tocar os meus estatutos de mulher casada, de dona duma empresa [...] cada vez mais amarga e triste, amputada daquilo que é a estrutura, porque física e emocional, de qualquer ser humano – o sexo –, senti que estava a descer ao mais fundo dos abismos e que, quando tocasse o fundo, não teria mais volta. Foi então que apareceram essas duas e me resgataram para a vida. Com sinceridade, não sei se, hoje, sentiria alguma coisa nos

braços de um homem [...] sou feliz e posso passar muito bem sem o sexo oposto. Se quiserem violar-me, podem fazê-lo, mas podem ter a certeza de que não terão uma mulher, mas sim um buraco na parede, inerte e sem vida. (MONTEIRO, 2009, p. 176-177)

Tendo em mente as afirmações da personagem, é inevitável considerar que existe, de facto, um certo preconceito para com esta mulher, especificamente para com a sua mestiçagem. Uma vez que o foco analítico não é direccionado para questões étnico-raciais, neste caso é imperativo referir que a questão da mestiçagem é, ainda, uma das várias marcas da ação colonial, podendo ser interpretada, simbolicamente, como a permanência da cultura ocidental em Cabo Verde. Apropriando este tópico para o campo das relações de género, fica mais do que explicada a pouca atenção atribuída a esta personagem, sendo só destacada no início e desfecho do conto. Posto isto, é ainda abordado um outro tópico no discurso desta personagem, o fracasso do casamento, neste caso da relação conjugal da personagem. É constatado que, devido à homossexualidade do seu marido, ela viu-se obrigada a conformar-se com a situação de modo a não denegrir o nome da família, assim como pôr em causa o seu estatuto social. Finalmente, a sua própria objetificação como “... um buraco na parede, inerte e sem vida.” (MONTEIRO, 2009, p. 177), além de trágico e extremo, mostra a ausência emotiva para com o mundo masculino que sempre a desiludiu tanto física, por não cederem às suas provocações, como emocionalmente, ao saber que o seu marido não se sentia atraído por ela, perdurando até ao momento em que encontrou a satisfação que tanto necessitava enquanto ser humano, esta provida pelo sexo feminino.

Em última instância, relembremos brevemente que o primeiro conto analisado no presente capítulo, “A liberdade de escolha”, é abordado o tema da liberdade de escolha do homem, onde se conclui que a homossexualidade não é, de facto, uma escolha, mas sim uma questão de nascença. Porém, interligando a mesma ideologia para este último conto, “O café das cinco”, dá a entender que em relação a duas das mulheres lésbicas da narrativa não se faz o mesmo. Contrariamente ao que foi constatado no primeiro conto, aqui parece antes indicar que estas mulheres são lésbicas devido a terem sido vítimas de abusos e decepções na vida, ou seja, não são lésbicas de nascença como os homens gays do primeiro conto, mas sim por escolha, aqui num sentido negativo, de forma a escaparem de uma determinada situação. Esta ambivalência mostra-se significativa pois ilustra os preconceitos em relação ao lesbianismo, nomeadamente aquele que afirma que mulheres lésbicas são aquelas que são frustradas ou que sofreram algum tipo de experiência traumática.

A experiência social das mulheres cabo-verdianas nos contos de Dina Salústio

No capítulo anterior, o foco analítico incidiu sobre o universo masculino cabo-verdiano retratado nos contos de Fernando Monteiro, onde foi possível verificar a hierarquização da sociedade de Cabo Verde. Deste modo, urge a necessidade de, no atual capítulo, destacar e refletir sobre como as mulheres cabo-verdianas são afetadas pelas suas experiências sociais. Para tal, são aqui submetidos para análise os contos “A oportunidade do grito”, “Forçadamente mulher forçosamente mãe” e “Tabus em saldo” que se encontram compilados na coletânea *Mornas eram as noites* (1994) de Dina Salústio.

Tendo em consideração as análises efetuadas no capítulo anterior, seria possível analisar a experiência social feminina cabo-verdiana com base nos contos de Monteiro, porém optou-se aqui pela escolha de testemunhos literários de autoria feminina, neste caso, de Dina Salústio. A razão desta escolha resume-se ao facto de, ao analisar e expor os confrontos e configurações das masculinidades a partir de contos de autoria e, de certa forma, perspectiva masculinas, não seria coerente manter esta presença e percepção masculinas enquanto o foco analítico recai sobre temáticas das quais só são experienciadas pelo universo feminino cabo-verdiano. Isto não intenciona, de modo algum, invalidar as críticas que Monteiro aponta para a sociedade cabo-verdiana, mas sim uma melhor exposição da trágica realidade que as mulheres cabo-verdianas enfrentam diariamente, isto só sendo possível através de uma perspectiva feminina cabo-verdiana. Posto isto, e seguindo o esquema do capítulo anterior, será feita, inicialmente, uma breve apresentação biográfica de Dina Salústio, assim como uma apresentação das características gerais da sua obra *Mornas eram as noites* (1994).

Bernardina Oliveira Salústio, celebrenemente conhecida pelo seu pseudónimo, Dina Salústio, nasceu na ilha de Santo Antão, Cabo Verde, a 27 de março de 1941. Salvo a sua profissão como escritora foi, também, professora, assistente social, jornalista e locutora de rádio, chegando a dirigir um programa de rádio. Trabalhou ainda para o Ministério das Relações Exteriores de Cabo Verde e foi uma das fundadoras da Associação de Escritores Cabo-verdianos. Relativamente ao seu percurso literário, publicou em 1994 a sua célebre coletânea de contos *Mornas eram as noites*, assim como os romances *A louca de serrano* e *Filhas do vento* em 1998 e 1999, respetivamente. Não obstante, escreveu poesias e outros textos publicados nas revistas *Mudjer*, *Ponto & Vírgula*, *Fragmentos*, *Fragata*, no jornal *A Semana* e na antologia *Mirabilis-de-Veias ao sol*.

A coletânea *Mornas eram as noites* (1994) conta com trinta e cinco narrativas sobre histórias baseadas em eventos reais de mulheres cabo-verdianas. Os contos nela compilados tratam várias temáticas, tais como a violência contra a mulher, gravidez precoce, pedofilia, discriminação social da mulher, prostituição e a violação. Será também importante mencionar que, se bem que muitos têm falado em contos, estes textos breves, também podem ser classificados como crônicas onde temos presente uma narradora transversal, muito próxima da autora, que se costuma manifestar sobretudo nos inícios e finais, e que é uma mulher que conta do que observa no dia a dia em Cabo Verde. Contrariamente aos contos de Monteiro, as narrativas salustianas apresentam um hibridismo discursivo visível no uso de uma linguagem muito próxima da poesia. Esta proximidade das narrativas com o discurso poético pode ser interpretada também como uma alusão à *morna*, género musical cabo-verdiano, presente no título da coletânea de Salústio. O género musical *morna* era utilizado para a representação da realidade social cabo-verdiana, ou seja:

[...] podemos também interpretar as mornas como crônicas do cotidiano apreendido sob o olhar da mulher, podendo exprimir dor, prazer, tristeza, alegria, nostalgia, esperanças e toda a ordem de conflitos existenciais [...] São, portanto, histórias que focalizam variadas classes e tipos sociais, representando personagens e espaços da sociedade cabo-verdiana, pela voz de um narrador sensível e empenhado em revelar os dramas do universo que o circunda. (SOUZA, 2012, p.418)

“A oportunidade do grito”

O primeiro conto selecionado para ser alvo de análise, intitula-se “A oportunidade do grito” e recebe destaque para a presente dissertação pela forma subtil com que Salústio mostra as dificuldades e opressões que as mulheres cabo-verdianas enfrentam diariamente.

Este conto, composto unicamente por personagens femininas, faz abordagens ao tema da condição social feminina, especialmente no sentido de como o sistema machista patriarcal hegemónico cabo-verdiano influencia os comportamentos e mentalidades do universo feminino. Já sabemos que, segundo as ideias sociais de Cabo Verde, as mulheres são forçadas a assumirem uma posição submissa, passiva, encarregada das tarefas domésticas/familiares. No entanto, nesta narrativa é nos revelado que, mesmo em ambientes seguros e amistosos, esse estereótipo forçosamente atribuído à mulher acaba por a transformar num ser miserável e recatado, com medo de usar a sua voz. A narrativa ganha forma a partir deste comportamento passivo por parte de uma das personagens, Elsa, resultando num vaivém argumentativo que, por um lado, justifica tal postura e, por outro, encontra argumentos sobre o porquê da

importância de assumir uma postura mais ativa. Posto isto, segue-se uma breve apresentação do enredo do conto.

Em “A oportunidade do grito” assiste-se, na sua generalidade, a uma conversa entre três mulheres sobre a importância da afirmação feminina na sociedade cabo-verdiana. Aqui a narração é feita em primeira pessoa, por parte de uma narradora autodiegética feminina que:

Para além de constituir um conto de personagem (segundo a classificação de Massaud Moisés [1989:39]) feminina, e que confronta uma visão tradicional do feminino frágil com uma nova perspectiva, a narração, em primeira pessoa, também se dá a partir de um ponto de vista feminino (“mim mesma”). (GOMES, 2011-2012, p.272).

Posto isto, o conto começa com a chegada da narradora-personagem ao seu grupo de amigas, interrompendo a conversa entre elas “... para os cumprimentos e uma breve troca de elogios...” (SALÚSTIO, 1994, p. 7). As duas mulheres que participam no diálogo são Elsa, descrita como uma mulher passiva e submissa, e uma outra mulher cujo nome não é mencionado, sendo sempre referida como “a vencedora” pela voz da ação “... porque a força inquieta que lhe escapa dos olhos, diz muito sobre a sua capacidade de derrubar tudo que seja obstáculo ao que deseja” (SALÚSTIO, 1994, p. 7). O diálogo entre Elsa e “a vencedora” consiste no encorajamento de Elsa, por parte da outra mulher, para que ela adote uma postura mais atuante, desafiante e corajosa.

O conto, apesar de relatar uma simples conversa entre um grupo de amigas, mostra-se um instrumento revelador para o entendimento do dia-a-dia das mulheres cabo-verdianas, assim como os extremos que elas têm de recorrer só para provar a falácia da fragilidade feminina.

Logo no primeiro parágrafo é nos revelado a forma como este grupo de mulheres se tratam, algo que dentro das relações masculinas seria totalmente alvo de críticas e interpretado como fraqueza, visto que é negado ao homem, dentro de uma lógica de virilidade machista ou hegemónica, qualquer tipo de afetividade. Passemos agora à exposição do excerto:

Quando cheguei, a conversa que ia a meio foi interrompida para os cumprimentos e uma breve troca de elogios, porque nos amamos e, por isso, há sempre um tempinho para uma palavra carinhosa que, livre, voa de umas para as outras. (SALÚSTIO, 1994, p. 7)

O facto de ser especificado que o motivo da interrupção, momentânea, da conversa para se cumprimentarem, mostra a forte cumplicidade e companheirismo não só entre este grupo, mas também entre todas as mulheres cabo-verdianas, uma vez que:

O texto de Dina Salústio, como é claro perceber, procura, mais do que expressar uma fala íntima, dar voz a todas as mulheres (já na antologia *Mirabilis: de veias ao sol*, em poesia, marcava Dina a “cumplicidade de fêmeas de mãos dadas” [1991:155]). (GOMES, 2011-2012, p. 272).

Neste sentido, Salústio faz questão em criar um diálogo que evoque tanto o espírito revolucionário feminino que almeja uma reavaliação e reestruturação da hierarquia social de Cabo Verde, assim como o que foi corrompido, por meio de ameaças e violências, pelo sistema social hegemónica masculino que impõe à mulher um limitado conjunto de ideologias e comportamentos que as reduzem a categorias de objetos sexuais. Deste modo, o diálogo retoma-se devido ao comportamento injustificado de Elsa:

Elsa levava o cigarro à boca, com tanta ansiedade que por momentos me distraía, pensando em como um simples e insignificante cigarro pode marcar de maneira cruel a nossa fragilidade. (SALÚSTIO, 1994, p. 7)

Aqui a narradora-personagem, após testemunhar a forma com que Elsa desempenhava uma ação tão banal como a de levar um cigarro à boca, provoca uma reflexão ao leitor/à leitora sobre o quão degradada e fragilizada a condição feminina cabo-verdiana se encontrava, uma vez que a ação revela a “ansiedade” da personagem. Após esta reflexão, o discurso é retomado por parte da mulher vencedora, que atua como “... um duplo da narradora, por meio da qual aquela propaga a sua ideologia...” (SANTOS, 2018, p. 223).

Posto isto, o discurso da mulher vencedora, como já foi referido anteriormente, mostra-se como um grito do feminino que pretende incitar uma revolução da condição da mulher, assim como a forma como o feminino é percecionado socialmente:

- Ah! Aí é que está – quase gritou a outra – tens de incomodar, mostrar que existes, perturbar, brigar com o mundo e contigo. Sobretudo contigo. É um treino que atrai bons fluidos. Os outros, vendo a coragem com que te desafia a ti mesma, respeitante e temem-te. Tens que dar umas trochadas, rapariga, porque quem não as dá, acaba simplesmente por as apanhar. (SALÚSTIO, 1994, p. 8).

Certamente que, para haver qualquer tipo de mudança, há que sair da própria zona de conforto, neste caso Elsa, ao adotar uma postura mais atuante dentro da sociedade cabo-verdiana e não se contentar com esperanças falaciosas que anseiam um melhor amanhã. Através das falas da vencedora, é possível interiorizar a urgência de renunciar ao patriarcalismo com os seus ideais sexistas, discriminatórios, violentos e opressores. De uma forma mais simplista, o discurso da vencedora para Elsa consiste, na sua generalidade, em combater fogo com fogo. Da

mesma forma que só se pode provar a arte pela arte, neste conto, embora num campo interpretativo mais amplo e abstrato, é o que a mulher vencedora propõe a Elsa, isto é, “... perturbar, brigar com o mundo...” (SALÚSTIO, 1994, p. 8) patriarcal cabo-verdiano, da mesma forma com que este o faz contra o universo feminino.

Por sua vez, Elsa, como grande parte das mulheres cabo-verdianas, encontra na religião a força necessária para continuar na sua incessante rotina vivencial incessante de busca pela mudança.

- Claro que não quero continuar neste vegetar e, para que saibas, luto, esforço-me, rezo, mas não adianta muito.
- Rezas? E como é que rezas? – grunhiu a outra, já no limite do que parecia a sua paciência.
- Rezo, peço a Deus...
- Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com Ele. Enfrenta-O como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso. Ele é que te pôs aqui, não é? Pois que assumas a sua parte da responsabilidade. Enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes – gritou. (SALÚSTIO, 1994, p. 8).

A última fala da “outra” é o indício que faz dela uma mulher vencedora, ao ponto de chegar a enfrentar Deus. Não obstante, o facto de quase ordenar Elsa a exigir-lhe as suas vontades ao invés de as pedir, ou seja, a incentivar Elsa a impor as suas razões de uma forma mais dominante e segura, revela o completo estado de precariedade ao qual a mulher cabo-verdiana se encontra condenada em conformar-se com uma vida sofrida e desumana. Em última instância sobre o total desprezo e desinteresse da mulher vencedora para com o tópico da religião. A esse respeito, Santos (2018) considera que:

Por influência da colonização, as mulheres carregam o ranço de uma cultura religiosa indutora de uma atitude contemplativa – resignação e obediência – e, já agora, contestada. (SANTOS, 2018, p. 223).

Assim, este conto fala-nos, de uma forma geral, da urgência de uma revolução feminina cabo-verdiana, na medida em que apela a todas as mulheres cabo-verdianas a fazerem uso dessa oportunidade de usarem a sua voz, de gritarem e de se afirmarem como membros sociais igualmente importantes perante uma sociedade patriarcal machista hegemónica. Aqui são lhes dada uma oportunidade para colocar um ponto final nas constantes injustiças e opressões que o universo feminino cabo-verdiano é vítima.

“Forçadamente mulher, forçosamente mãe”

O presente conto, apesar da sua curta extensão, é munido de soberbo simbolismo que, facilmente, pode passar despercebido ou simplesmente como embelezamento literário. No entanto, será aqui primeiramente apresentado, como nos contos de Monteiro, um resumo da ação da narrativa, seguido pela exposição e análise das suas temáticas, inferências feitas pela narradora a respeito da condição social das mulheres cabo-verdianas e, finalmente, dos elementos simbólicos.

Esta narrativa fala-nos de uma rapariga de dezasseis anos, Paula, que “... perdeu o olhar meigo e livre de adolescente” (SALÚSTIO, 1994, p. 35). Esta perda, ou melhor, furto da sua liberdade de adolescente é devido a ter sido vítima de violação sexual, o que a levou a uma gravidez precoce. Para além desta indesejada gravidez, a personagem teria também de se conformar com a ideia de mãe solteira, sendo a única responsável pelo filho, cenário este que, infelizmente, era bastante comum uma vez que, como já foi observado anteriormente, os homens cabo-verdianos costumam apresentar um comportamento distante do ambiente doméstico/familiar:

[...] O comportamento masculino é foco de uma insatisfação manifesta pela categoria *ausência* em diferentes níveis: física, pois ele está sempre em outro lugar que não a casa (ou seja, na paródia, na vida de festa, nos bares, na bebida alcoólica); material, uma vez que eles não contribuem regularmente com dinheiro ou bens; parental, tendo o homem uma relação distante com os “filhos que faz”; e emocional, ao reduzirem o afeto e a intimidade ao intercurso sexual. (LOBO & MIGUEL, 2020, p. 197)

Deste modo, os temas principais da narrativa correspondem, na sua generalidade, à gravidez precoce e à condição social feminina. Por sua vez, dentro desses temas gerais, podem ser evidenciados outros (sub)temas tais como a violação, a falta de planeamento familiar e a precariedade social de Cabo Verde. Aqui a ação apresenta-se narrada em primeira pessoa, por parte de uma narradora não participante, mas que não descarta a oportunidade de expressar o seu desejo por uma revolta social feminina objetivando uma reivindicação da igualdade social entre os géneros.

Posto isto, iniciemos a análise do conto, este começando com a abordagem relativa à condição social feminina, isto é, a ausência da figura paterna, uma vez que:

[...] as relações afetivas entre homens e mulheres, ainda que com filhos, têm por característica, num primeiro momento, a não fixação deste casal em uma unidade conjugal considerada estável: com residência compartilhada, divisão de tarefas no

cuidado com as crianças e nas despesas financeiras. (LOBO & MIGUEL, 2020, p. 195)

Mesmo que não seja especificado no conto qual o tipo de relação que Paula mantinha com este homem, é-nos possível a especulação de dois casos. O primeiro seria que Paula era só mais uma das amantes desse homem que, como já observamos anteriormente, era comum um homem casado manter várias relações sexuais com várias mulheres para além da sua. A segunda, e provavelmente a que melhor se enquadra neste cenário, resume-se a Paula ter sido mais um caso de violação sexual e, neste caso, pedofilia, uma vez que é referido na narrativa, sob forma de apelo para uma revolta feminina na qual “... ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem, manhosamente as nossas meninas na quietude das noites.” (SALÚSTIO, 1994, p. 35). Para além da tragicidade existencial de Paula, há um outro momento que mostra o profundo descontentamento da narradora para com o sistema hegemónico masculino patriarcal cabo-verdiano. Sob a forma de apelo, ou até mesmo de desabafo, é notória a urgência por uma emancipação feminina, contra as conceções associadas aos comportamentos que a mulher cabo-verdiana tem forçosamente de adotar.

Relativamente aos elementos simbólicos presentes no conto, foi aqui formulada uma leitura interpretativa dos símbolos da concha, da cor rosa e da lua que não só transportam a narrativa para um nível mais denso, mas também servem de ajuda para o desvendamento de possíveis críticas da sociedade cabo-verdiana. De facto, numa primeira leitura, o tema principal do conto é facilmente identificado e pouco mais se consegue extrair da narrativa. No entanto, para além dos símbolos destacados, a forma idêntica como o conto começa e acaba, podendo ou não ser uma pura coincidência, pode traduzir-se numa crítica à sociedade.

Começando pelos símbolos, atente-se o seguinte excerto:

[...] Ainda há dias ela ri e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha. (SALÚSTIO, 1994, p. 35)

O símbolo da concha, no seu sentido mais lato, relembra a pintura do Nascimento de Vénus, de Sandro Botticelli que alude à fecundidade e ao feminino.

[...] participa del simbolismo de la fecundidad propio del agua. Su dibujo y su profundidad de caracola recuerdan el órgano sexual femenino. Su contenido ocasional, la perla, há suscitado quizás la leyenda del nacimiento de Afrodita, salida

de una concha. Lo que confirmaría el sentido erótico del símbolo. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 332)

Para além desta simbologia, a concha pode também ser a representação de “...la matriz de la mujer y significa nacimiento, generación...” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 332). No entanto, tendo por base o sentido do conto, a concha para aqui poder assumir uma conotação negativa, uma vez que “Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente.” (SALÚSTIO, 1994, p. 35), inferindo que a personalidade jovial e inocente da personagem já não mais existe. Daí pode-se considerar o elemento da concha como um presságio, neste caso, de morte da sua inocência e liberdade:

La concha está así ligada a la idea de muerte, en el sentido de que la prosperidad que simboliza, para una persona o para una generación, procede de la muerte del ocupante primitivo de la concha, de la muerte de la generación precedente. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 333)

Ambas as definições do símbolo da concha fundem-se perfeitamente com o sentido da narrativa, isto é, tanto a marca do despertar/nascimento da sexualidade de Paula, como a morte da sua inocência e adolescência, ambas representadas pela gravidez da personagem. De facto, leituras simbólicas são sempre alvo de objeções, contudo a interpretação aqui apresentada é reforçada pela simbologia da cor rosa que consiste em:

[...] un símbolo de regeneración [...] «La rosa y su color, dice (PORS, 218), eran los símbolos del primer grado de regeneración y iniciación a los misterios[...] (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 892)

Deste modo, os dois símbolos complementam-se na medida em que se assumem como um indício trágico para as ocorrências às quais a personagem será submetida. Por um lado, a concha como indício do começo da vida sexual de Paula, mesmo que tenha sido contra a sua vontade, por outro lado, a cor rosa como indicador de regeneração e mistério, traduzido na gestação do filho da protagonista provocado por um homem que não é identificado.

Avançando, o próximo e último símbolo que aqui importa destacar é a lua, que surge em momentos de reflexão da personagem quando “...faz contas à vida e às luas.” (SALÚSTIO, 1994, p. 35). A lua, na simbologia, assume várias significações que se relacionam, muitas vezes, entre si. Na sua generalidade, a lua, enquanto símbolo, representa a passagem do tempo e da vida, assim como renovação e crescimento.

El simbolismo de la luna se manifiesta en correlación con el del sol. Sus dos caracteres más fundamentales derivan, por una parte, de que la luna está privada de luz propia y no es más que un reflejo del sol; por otra parte, de que atraviesa fases diferentes y cambia de forma. Por esto simboliza la dependencia y el principio femenino (salvo excepciones), así como la periodicidad y la renovación [...] (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 658)

Note-se que no presente conto é feita uma alusão, através do uso do plural, às várias fases lunares, o que acrescenta a este elemento simbólico a representação do ciclo da vida e, por sua vez, da fecundidade humana:

[...] este símbolo concierne a la divinidad de la mujer y a la potencia fecundante de la vida [...] simbolismo astrológico, que asocia al astro de las noches la impregnación de la influencia maternal sobre el individuo encuanto madre, alimento, madre-calor, madre-caricia, madre-universo afectivo. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 661-662)

Em última instância a respeito do signo em questão, pode-se associar ainda um outro significado. A lua, enquanto astro iluminado, assume-se apenas como um refletor da luz solar. Ou seja, a lua também é símbolo de falsidade e ilusão:

«La luna [...] expresaría la enlodadura del espíritu en la materia (Enel); la neurastenia, la tristeza, la soledad, las enfermedades (G. Muchery); el fanatismo, la falsedad, la falsa seguridad, las apariencias engañosas, la falsa ruta, el robo cometido por los allegados o servidores, las promesas sin valor (Th. Tereschenko); el trabajo, la conquista penosa de la verdad, la instrucción por el dolor o las ilusiones, las decepciones, las trampas, el chantaje y los extravíos [...] (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986, p. 662)

Adaptando as simbologias da lua para o sentido do conto, este signo é o que melhor elucida e corresponde com as ações da narrativa em dois aspetos. Primeiramente como representação de conhecimento e transformação, pois surge em momentos de amargura e desalento da protagonista, cuja “... esperança dos dezasseis anos... secará com o primeiro leite do primeiro filho.” (SALÚSTIO, 1994, p. 36). Paralelamente, como significação da transitoriedade cíclica das fases lunar que vão ao encontro da forma como o conto principia e finda. Isto é, o ciclo lunar é constituído por quatro fases que se repetem sucessivamente: lua nova, lua crescente, lua cheia e lua minguante. Deste modo, o conto ao abrir com “Em Setembro fará calor.” (SALÚSTIO, 1994, p. 35) e encerrar de forma quase idêntica, “Para Setembro haverá calor.” (SALÚSTIO, 1994, p. 36), é revelador do estado cíclico em que a sociedade

cabo-verdiana se encontra, onde promessas de mudanças são verbalizadas, mas nunca praticadas.

É através desta leitura interpretativa que extraímos a crítica que Dina Salústio faz à sociedade cabo-verdiana, na qual ela invoca e apela para uma revolução feminina contra as desigualdades e opressões a que as mulheres estão subordinadas. Este apelo é aqui tido como uma tentativa para quebrar esse padrão em que, como nas fases lunares, um problema surge e escala – fase crescente –, atinge o seu pico de atenção da sociedade – lua cheia – começa a ser desvalorizado e/ou normalizado – fase minguante – até ao momento em que desaparece do olho público por esquecimento – lua nova – voltando, assim, a reiniciar o ciclo tóxico comodista e patriarcal cabo-verdiano.

“Tabus em saldo”

A última, e provavelmente a mais perturbadora, narrativa salustiana selecionada, “Tabus em saldo”, compreende em si a urgência de uma reavaliação dos valores humanos da condição social feminina cabo-verdiana. Este conto tem como principal objetivo a exposição da hipocrisia social cabo-verdiana, pelo uso de um discurso irónico que roça o escárnio, assim como o total menosprezo da condição feminina por parte desse sistema patriarcal masculino hegemónico.

Esta narrativa debruça-se sobre a condição feminina cabo-verdiana, abordando temas pesadas como a pedofilia e a prostituição infantil, propondo ao leitor, logo no seu começo, uma reflexão sobre os papéis que foram socialmente definidos para homens e mulheres. Ainda no parágrafo inicial, pode-se verificar uma ligação com o pensamento de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949), quando é proferido que “As fêmeas são sempre mulheres.” (SALÚSTIO, 1994, p. 49), fazendo aqui alusão à ideia de que a mulher não é um dado natural, mas sim um produto de processo histórico que a submete a uma classe de propriedade do homem.

Relativamente à voz da narrativa tem-se, aqui, presença de um narrador autodiegético, que se envolve na ação ao afirmar que as mulheres “...são de todos nós. Para serem protegidas.” (SALÚSTIO, 1994, p. 49). Contudo, surge um contraponto de uma outra parte da sociedade cabo-verdiana que se direciona para a objetificação da mulher, “...que as desejam para o folclore das fantasias e para o encobrimento ridículo e camuflado da irracionalidade do estar” (SALÚSTIO, 1994, p. 49). Deste modo, é nos apresentada a dualidade da condição feminina que, por um lado, se encontra sob tutela/domínio pelo homem, assim como utilizada como

objeto de satisfação das fantasias sexuais masculinas. Note-se que, em ambos os pontos, a mulher nunca é entendida enquanto sujeito social, mas sempre considerada como um objeto.

Avançando, a voz da ação, de forma a expor a hipocrisia da sociedade de Cabo Verde, começa por questionar os tabus e proibições instituídas pela mesma sociedade que objetifica a mulher enquanto estabelece, simultaneamente, limites pautados em princípios "... para a defesa mínima de um certo decoro..." (SALÚSTIO, 1994, p. 49). Limites estes instaurados ilusoriamente que ao invés de as protegerem e reconhecerem as suas existências enquanto sujeitos emotivos e sociais, expõe-nas e coisificam-nas.

No entanto, Salústio nesta narrativa não só tenciona enfatizar as fantasias dos homens somente voltadas para os casos de pedofilia, mas também para o lucro que obtêm com a exploração das crianças e adolescentes cabo-verdianas:

Não satisfaz mais a orquestrada exploração da candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das americanas do sul e norte. Não. É preciso vir para mais perto. Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar os dividendos, transformando-as em objetos de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis. E por isso vamos, outros de nós, aos liceus, às escolas para as envolver em collants e transparências e expô-las em fotos aos instintos curiosos de outros. (SALÚSTIO, 1994, p. 49).

Com base no excerto, é notória a existência de uma exploração de crianças e adolescentes que não só atende à demanda da objetificação sexual dessa "... juventude tão bonita..." (SALÚSTIO, 1994, p. 49), mas também a uma que deriva do desejo do lucro, o que transforma essas crianças e adolescentes não só em objetos, mas também em produtos capitalizáveis. O excerto que se segue ilustra a precariedade social cabo-verdiana tanto a nível económico como moral:

O negócio rende. Cada espiadela vinte escudos, diz-se. Dois rebuçados ao fim e ao cabo. Barato como quase tudo em Cabo Verde. Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência. Dois rebuçados: o custo de uma espreitadela ao clandestino filmado das nossas crianças fêmeas. (SALÚSTIO, 1994, p. 50)

A tonalidade irónica aqui utilizada assume-se quase como uma provocação para que seja feita uma reflexão sobre preço e valor. Valor este que é negado ao povo cabo-verdiano e trocado por um preço tão mínimo e insignificante como "Dois rebuçados..." (SALÚSTIO,

1994, p. 50), que suscite uma consciencialização e reformulação dos valores humanos e morais da sociedade cabo-verdiana.

Em última instância, surge uma outra crítica, desta vez direcionada para a passividade e falsidade da sociedade perante acontecimentos tão trágicos como prostituição infantil e pedofilia.

Desisti de querer ver mais. É o que a maioria faz, por cobardia, vergonha e secretos desejos que as coisas ruins deixem de acontecer. Para depois ficam a luta, a briga e a denúncia. E as consciências tranquilizam-se com a promessa. (SALÚSTIO, 1994, p. 50)

Numa sociedade corrompida por desejos perversos, onde valores são vendidos a troco de ninharias fúteis e efémeras, pensamentos esperançosos sedentos por mudanças não faltarão. Porém, o desejo e o querer nunca serão suficientes, há que saber agir e lutar por direitos iguais, onde a segurança de todos os indivíduos de uma sociedade estejam salvaguardados. Mas enquanto vigorar um sistema patriarcal machista, onde opressão e violência caminham lado a lado com os grupos dominados, terão que se contentar com as várias e repetidas promessas vazias de forma a conseguirem ter algum alento na sua vida trágica, infeliz e desumana.

Considerações finais

Como foi mencionado na abertura desta dissertação de mestrado, o principal objetivo deste projeto era o de estudar e analisar a forma como, na literatura cabo-verdiana, as diferentes configurações de masculinidades e feminilidades se relacionam e operam entre si, sendo que se encontram inseridas no contexto de uma sociedade machista patriarcal hegemónica.

No entanto, limitar este projeto de investigação a processos de análises interpretativas torná-lo-ia, para além de severamente incompleto, descontextualizado. Assim, com a formulação do primeiro capítulo, pudemos ter acesso a um resumo da evolução histórica da literatura cabo-verdiana que, sem esta, seria impossível reconhecer na sua totalidade a(s) novidade(s) que tanto Fernando Monteiro como Dina Salústio trouxeram para a literatura de Cabo Verde. Já no segundo capítulo da dissertação, o que precede o início das análises propostas na introdução, é um outro caso cuja omissão seria totalmente injustificada. Um capítulo cujo conteúdo se insere no campo dos estudos sociais, mostra-se detentor de grande importância uma vez que, constam nele grande parte da terminologia utilizada na análise dos contos. Aqui conseguiu-se observar de uma forma mais extensiva a forma como o sistema patriarcal hegemónico cabo-verdiano se encontrava organizado, assim como a forma como o quotidiano dos grupos dominados (e aqui, como sabemos, com a expressão grupos dominados referimo-nos ao universo feminino e aos homens homossexuais cabo-verdianos) é estruturado em relação ao sistema hegemónico em vigor no arquipélago.

No capítulo dedicado à análise dos contos “A liberdade de escolha”, “Na roda do sexo” e “O café das cinco”, presentes na obra *Na Roda do Sexo* (2009) de Fernando Monteiro, pudemos ter acesso ao interior do mundo masculino cabo-verdiano de formas completamente diferentes de um conto para outro. Relembremos que há uma escassez de estudos e análises sobre as obras deste autor, nomeadamente deste seu livro de contos.

Posto isto, em “A liberdade de escolha” notou-se uma fixação pela abordagem dos temas da homossexualidade masculina e da masculinidade hegemónica. Neste primeiro conto analisado conclui-se que no caso da homossexualidade não se trata de uma escolha que um indivíduo faz, mas sim algo em que o sujeito é escolhido. No entanto, também é abordada a questão da masculinidade hegemónica, mas na sua faceta tóxica. Como se sabe, Tonecas, no desfecho da narrativa, acaba por cometer suicídio devido à sua homossexualidade secreta ter sido descoberta pela sua mulher Zinha. Isto mostra o quão reprimido o homem cabo-verdiano é pelos ideais da masculinidade hegemónica.

Já em “A roda do sexo”, assistimos igualmente à presença do tema da masculinidade hegemónica, porém num contexto diferente. Neste conto, Fernando Monteiro expõe a masculinidade do homem cabo-verdiano em dois espaços distintos, na esfera pública e no ambiente familiar. Aqui pôde-se observar que um homem cabo-verdiano tem de cumprir determinados comportamentos para ser percecionado e aceite socialmente como um homem. Por outras palavras, a virilidade de um homem cabo-verdiano passa pela exibição pública e pela renúncia de qualquer tipo de emotividade, daí o distanciamento do homem da vida caseira/familiar (o universo percecionado como feminino). Ora este distanciamento do mundo familiar proporciona ao homem cabo-verdiano experienciar várias relações sexuais com várias mulheres distintas, das quais resultam os chamados filhos ilegítimos que acabam por não ter qualquer tipo de conhecimento e/ou relação com a figura paterna. A título de exemplo, neste conto Zuky e Lora, ambos filhos de um mesmo pai mas de relacionamentos diferentes acabam por consumir uma relação incestuosa sem conhecimento, sendo esta interrompida quando Lora descobre, pela sua mãe, que tinha encontros sexuais com um meio irmão.

Finalmente, no último conto analisado neste capítulo, “O café das cinco”, destaca-se aqui o tema do lesbianismo. Sem sombra de dúvidas é o conto que mais se distancia dos outros dois presentes neste capítulo, pela simples razão de ser uma clara representação de como a ideia do conceito de género é fluída e permutável. Verificou-se, nesta narrativa, uma problemática que choca com o primeiro conto. Neste conto as razões das personagens ao defenderem o seu lesbianismo passa por desilusões e traumas vivenciais, algo que não se notou em “A liberdade de escolha”, onde o ser-se homossexual era uma questão do *ser*, ou seja, uma questão de nascimento. Deste modo, conclui-se daqui a forma como o universo masculino, mesmo falando de homens homossexuais, estará representado sempre numa posição superior quando comparado ao universo feminino, uma vez que passa a ideia de que uma mulher não nasce lésbica, mas sim torna-se lésbica mediante as suas desilusões vivenciais.

Se, com Fernando Monteiro, o foco analítico recaiu sobre o universo masculino cabo-verdiano, não poderíamos dar por concluída esta dissertação sem fazer o mesmo, mas sobre o universo feminino de Cabo Verde. Assim, neste último capítulo, usamos como ponto de partida os contos “A oportunidade do grito”, “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” e “Tabus em saldo”, presentes em *Mornas eram as noites* (1994) de Dina Salústio. Em “A oportunidade do grito”, conclui-se a emergência de uma revolução social feminina em Cabo Verde. Nesta narrativa, Dina Salústio tenta fazer uma espécie de apelo a todas as mulheres cabo-verdianas para manifestarem a sua opinião, de usarem a sua voz para fazer frente ao sistema social

patriarcal. A personagem Elsa é quem a autora usa para ilustrar a precariedade da condição social feminina cabo-verdiana, na qual a mulher cabo-verdiana teria de ser submissa e confinada ao lar.

Na segunda narrativa selecionada, “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, decidiu-se tomar uma abordagem diferente tendo em conta que, contrariamente a Fernando Monteiro, a respeito da produção literária de Dina Salústio, existe uma vastidão de estudos. Porém, aqui optou-se por se fazer uma leitura simbólica de todo o conto, ou mini conto, adaptando-a para uma crítica à condição da mulher cabo-verdiana. O facto de o conto começar e acabar da mesma forma, juntando-se ao enredo que o conto narra, assim como a presença de outros elementos simbólicos relacionados com o feminino e com a passagem do tempo, mostram-nos o ciclo vicioso ao que as mulheres cabo-verdianas estão condenadas. Um ciclo onde anseiam um melhor amanhã que se repete infundavelmente por parte da ausência de uma revolta feminina.

Finalmente deparamo-nos com uma narrativa onde o tema principal é a objetificação e capitalização feminina. Em “Tabus em saldo”, Salústio choca o leitor através de um discurso sucinto e munido de ironia enraivecida. Aqui expõe-se a hipocrisia de uma sociedade que tanto controla o feminino, como comercializa o corpo feminino de uma forma quase automática. Neste conto é retratado o quão insignificante a mulher cabo-verdiana é aos olhos da sociedade do arquipélago, onde há um total desprezo pelos valores humanos e morais que chega ao nível do ridículo e do deplorável ao ponto de a integridade de um indivíduo é comercializada por apenas “Dois rebuçados...” (SALÚSTIO, 1995, p. 50).

Com base em tudo o que foi constatado nesta dissertação de mestrado, é de reconhecer que o objetivo primordial foi bem conseguido através da análise dos diversos contos apresentados. No entanto também é de mencionar que a área da literatura se encontra em constante mudança e, por esse motivo, entende-se que na posterioridade muitas outras interpretações e estudos poderão surgir acerca destes autores e destas respetivas obras. Contudo, aqui teve-se como principal objetivo a descoberta de produções literárias que, até então, não tinham sido alvo de análises, no caso de Fernando Monteiro e, a respeito de Dina Salústio, intencionou-se uma nova forma de analisar as suas produções através do recurso à área da simbologia. Posto isto, conclui-se a presente dissertação, esperando que a mesma tenha contribuído para uma melhor compreensão da disparidade social que as diferentes configurações de masculinidades e feminilidades possuem na literatura e, por extrapolação, na sociedade do arquipélago de Cabo Verde.

BIBLIOGRAFIA

ADELMAN, Miriam. Estudos Culturais e Estudos de Gênero: Estendendo os Olhares. **Cadernos da Escola de Comunicação**, n. 4, p. 1-19, 2006

ANDRIGHETTI, Carolina de Lima; PAZ, Demétrio Alves. O conto cabo-verdiano pós-independência, **XI Jornada de iniciação científica e tecnológica**, s.p., 2021.

BARROS, S. **Origens da Colônia de Cabo Verde**. Rua das Gáveas 115, Lisboa: Edições Cosmos, 1939.

BUTLER, J. **Problemas de Género**. Lisboa: ORFEU NEGRO, 2017.

CARVALHO, Alberto. Sobre a narrativa (conto) cabo-verdiana. **Navegações**. V.1, n. 1, p. 7-14, março 2008.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona. Editorial Herder, 1986.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.

DA CUNHA, Rubens; MARTINS, W. R. M. Mornas eram as noites e Mulheres Sagradas: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima. **Criação & Crítica**, n. 27, p. 72-94, nov. 2020.

DA SILVA, Marcio Roberto Santim; Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo. In: **Culto ao Corpo**. São Paulo: Blucher, p. 29-40, 2017.

DA SILVA, Sérgio Gomes. A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista, **Psicologia, ciência e profissão**, v. 26, n. 1, p.118-131, 2006.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo. I Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970 [1935].

DE BRITO, Geni Mendes; LIMA, Tânia Maria de Araújo. Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana. **Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 24, p. 55-69, jul./ dez. 2015.

DOS SANTOS, Olímpia Maria. Dina Salústio: Mulher, Caboverdiana, Escritora. **Revista Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v. 9, n. 2, p.218-231, 2018.

GOMES, Simone Caputo. Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina. **Revista Crioula**, n. 3, s.p., maio 2008.

GOMES, Simone Caputo. O conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-verdiana. **Forma breve**, p. 265-284, 2011/12.

HAMILTON, R. G. **Literatura Africana, Literatura Necessária, II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LARANJEIRA, P. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOBO, Andréa de Souza; MIGUEL, Francisco Paolo Vieira. “Homem é tudo igual!”: relações de gênero e economia dos afetos no arquipélago de Cabo Verde. **Anuário Antropológico**, I, p. 192-212, 2020.

LUGARINHO, M. C. Agenciamentos de gênero nas literaturas africanas de língua portuguesa: um caso caboverdiano. In M. C. Lugarinho, **Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer**. Manaus: UEA Edições, p. 75-98, 2012.

LUGARINHO, M. C.; MORAES, A. M.; PEREIRA, E. S. N. **Identidade nacional e masculinidades em “Kuduro com viagra”, de Fernando Monteiro**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, Volume 10, Número 19, jul.- dez., p. 131-154 2018.

MARCHINI, Luciana Miranda. A Ilusão do Gênero em “O Travesti”, do escritor caboverdiano Fernando Monteiro. **Revista do NEPA/UFF**, Niterói, v. 9, n.18, p. 83-99, jan.-jun. 2017.

MARQUES, A. M. Estudos da masculinidade e teoria feminista. In J. M. Oliveira & L. Amâncio (orgs.). **Gêneros e sexualidades: Interseções e tangentes**. Lisboa, Portugal, CIS-IUL, p. 39-53, 2017.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003

MÓDULO II: Gênero, Unidade I, Texto I, Conceito de Gênero, In: **Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**

CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA. Ministério da Educação (Brasil)
(sem data). Acessível em:
https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1685/mod_resource/content/0/modulo2/mod2_unid1.html (25.09.2022).

MONTEIRO, Eurídice Furtado. Crioulidade, Colonialidade e gênero: as representações de Cabo Verde. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016.

MONTEIRO, Fernando. **Na roda do sexo**. Praia: Soca Edições, 2009.

PAZ, Demétrio Alves. Mornas eram as noites ou viagem ao redor de Cabo Verde com Dina Salústio. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 8, nº 16, 1º sem., jul., p. 65-75, 2016.

PAZ, Demétrio Alves; SCARTON, Mithiele da Silva. A condição feminina em Mornas eram as noites, de Dina Salústio. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo, a.15, n. 2, p. 133- 145, jul./dez. 2018.

RESENDE, Taciana Almeida Garrido de. Colonialismo e Cabo Verde: discussões sobre a colonização portuguesa na África (1950 e 1960). **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**. v. 6, n 2 (maio/ago. 2014) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, p. 184-199, 2014.

ROMANO, L. Cem anos de Literatura Caboverdiana: 1880/1980. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, 7, p. 38-56, 1984.

SALES, Sinei Ferreira. Saber viver caboverdianamente: uma analítica do dispositivo da sexualidade em Na roda do sexo, de Fernando Monteiro. **SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN**. Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Número 42, p. 135-155 (jul.- dez. 2021).

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as Noites**. Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002 [1994].

SARTESCHI, Rosangela. Cabo Verde: literatura em chão de cultura, de Simone Caputo Gomes. *Via Atlântica*, v. 1, n 14, p.185-191, 2008.

SCAVONE, Lucila (2008). Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1), p. 173-186, janeiro-abril/2008

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, 20(2), p.71-99, 1995.

SOUZA, Alexandre Soares de; PARADISO, Silvio Ruiz. O Processo Histórico da Literatura Cabo-Verdiana: A Formação de uma Identidade Nacional. **Revista África e Africanidades**, Ano XIII – n. 36, p. 66-81, nov. 2020.

SOUZA, Mailza Rodrigues Toledo e. Quando a literatura reflete a vida: retratos da violência de gênero na literatura cabo-verdiana. **Anais do SILIAFRO**. Volume, Número 1. EDUFU, p. 415-424, 2012.

